

PATRÍCIA SCHLICKMANN ORLANDI

**USOS E (DES)USOS DA FLEXÃO VERBAL DE 2ª PESSOA DO
SINGULAR EM TEXTOS ORAIS DE INFORMANTES DE TUBARÃO
(SC): UM ESTUDO DE CASO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Rauen
Co-orientadora: Profa. Dr^a. Mariléia Reis

TUBARÃO, 2004

PATRÍCIA SCHLICKMANN ORLANDI

**USOS E (DES)USOS DA FLEXÃO VERBAL DE 2ª PESSOA DO
SINGULAR EM TEXTOS ORAIS DE INFORMANTES DE TUBARÃO
(SC): UM ESTUDO DE CASO**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, 06 de julho de 2004.

Prof. Dr. Fábio José Rauen

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

Prof^a. Dr^a. Márluce Coan

Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Prof^a. Dr^a. Marci Fileti Martins

Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL

DEDICATÓRIAS

Dedico este trabalho a meu pai, Jorge, que não pôde ver em vida este estudo concluído.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, principalmente a meus pais, Jorge e Clarice;

Ao meu marido, André Luiz, pela compreensão e amor dedicados nos momentos essenciais;

A meu filho, Yago Matheus, pelo longo caminho percorrido;

Ao meu bebê, Nycolas, que está comigo neste momento de finalização;

Agradeço ao professor Fábio Rauen, pela leitura e revisão textual;

Agradeço à professora Mariléia Reis, pelo apoio e incentivo nas horas de angústia;

Aos meus amigos, que entenderam meus momentos de ausência;

À Unisul, pelo apoio financeiro;

A todos aqueles que colaboraram de uma forma ou de outra.

EPÍGRAFE

Temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionais de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam. (...) Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.

(Marcos Bagno, 2001, p. 9)

RESUMO

Esta pesquisa correlaciona as práticas discursivas de ensino de língua materna ao uso da flexão verbal de segunda pessoa do singular associado ao uso também variável das formas pronominais designativas de segunda pessoa do singular (*tu, você, o(a) senhor(a)*) do português do Brasil. Este estudo parte de amostras de textos orais de informantes de Tubarão (SC) e, seguindo a proposta da Sociolinguística Variacionista da linha laboviana aplicada ao ensino de língua materna, busca efetuar uma análise quantitativa e qualitativa do uso da flexão verbal em estudo. Além disso, há também um controle de grupos de fatores de natureza lingüística e não-lingüística (sociais e estilísticos), a fim de descrever o condicionamento destes fatores sobre o comportamento do fenômeno em seus contextos de atuação. Para isto, analisou-se, neste trabalho, um grupo de seis informantes, sendo eles de sexo e escolaridade diferentes, porém com a mesma faixa etária, o que resultou em 142 dados. Tomando a descrição de um fenômeno lingüístico a partir de seu contexto de uso, concebemos, então, a língua como uma atividade social, cujas normas variam segundo mecanismos específicos de cada indivíduo na sua comunidade lingüística, e segundo a dinâmica histórico-social da sua interação com a realidade.

Palavras-chaves: Sociolinguística, variação, flexão verbal, ensino.

ABSTRACT

This research treats to correlate the practical of the discourse of language education of the family to the use of the verbal conjugation of second person of the singular associated with the also changeable use of the indicative pronominal forms of second person of the singular (tu, você, o(a) senhor(a)) of the Portuguese of Brazil. The study has left of samples of verbal This study it has broken of samples of verbal texts of informers of Tubarão (SC) e, having followed the proposal of the Sociolinguistic Variation of the Labov's studies line applied to the language education of mother, searches to effect a quantitative and qualitative analysis of the use of the verbal changing in study. Moreover, it also has a control of groups of factors of linguistic nature and not-linguistics (social and estilistics), in order to describe the conditioning of these factors on the behavior of the phenomenon in its contexts of performance. For this, it was analyzed, in this work, a group of six informers, being they of different sex and school age, however with the same age band, what it resulted in 142 data. Taking the description of a linguistic phenomenon from its context of use, we conceive, then, the language as a social activity, whose norms vary according to specific mechanisms of each individual in its linguistic community, and dynamic according to description-social of its interaction with the reality.

Keywords: Sociolinguistic, variation, verbal agreement, teaching.

SUMÁRIO

<u>LISTAS</u>	10
1 <u>INTRODUÇÃO</u>	11
1.1 <u>PROBLEMA</u>	12
1.2 <u>JUSTIFICATIVA</u>	17
1.3 <u>LITERATURA LINGÜÍSTICA NA ÁREA</u>	20
1.3.1 <i>O estudo da concordância verbal no português do Brasil</i>	21
1.3.2 <i>O sistema pronominal do português do Brasil</i>	21
1.3.3 <i>A marcação do verbo na segunda pessoa do singular</i>	24
1.4 <u>OBJETIVOS</u>	25
2 <u>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u>	27
2.1 <u>VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA</u>	29
2.1.1 <i>Fatores internos ou lingüísticos</i>	33
2.1.2 <i>Fatores externos ou extralingüísticos</i>	34
2.1.2.1 Fatores sociais e geográficos.....	35
2.1.2.2 O fator sexo.....	36
2.1.2.3 Fator escolaridade.....	37
3 <u>METODOLOGIA</u>	39
3.1 <u>AMOSTRA</u>	40
3.1.1 <i>Textos orais de informantes de tubarão (sc)</i>	40
3.1.1.1 Descrição das variáveis.....	42
3.1.1.1.1 Grupo de fatores “Natureza da forma pronominal de 2ª pessoa do singular”.....	42
3.1.1.1.2 Grupo de fatores “Paralelismo formal”.....	44
3.1.1.1.3 Grupo de fatores “Interação emissor/receptor”.....	45
3.1.1.1.4 Grupo de fatores “Explicitação do pronome”.....	46
3.1.1.1.5 Grupo de fatores “Tempo verbal”.....	46
3.1.1.1.6 Grupo de fatores “Saliência fônica”.....	47
3.1.1.1.7 Grupo de fatores “Tonicidade do verbo”.....	48
3.1.1.1.8 Grupo de fatores “Número de sílabas do verbo”.....	49
3.1.1.1.9 Grupo de fatores “Contexto fonológico seguinte”.....	50
3.1.1.1.10 Grupo de fatores “Sexo”.....	50
3.1.1.1.11 Grupo de fatores “Escolaridade”.....	51

3.1.1.1.12	Dados excluídos.....	53
3.2	QUESTÕES E HIPÓTESES	53
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
4.1	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS DOS TEXTOS ORAIS	57
4.1.1	<i>Variável lingüística dependente</i>	57
4.1.2	<i>Variáveis lingüísticas independentes</i>	58
4.1.2.1	Natureza da forma pronominal de 2ª pessoa do singular.....	58
4.1.2.2	Paralelismo formal.....	60
4.1.2.3	Interação emissor/receptor.....	63
4.1.2.4	Explicitação do pronome.....	65
4.1.2.5	Tempo verbal.....	67
4.1.2.6	Saliência fônica.....	69
4.1.2.7	Tonicidade do verbo.....	71
4.1.2.8	Número de sílabas do verbo.....	72
4.1.2.9	Contexto fonológico seguinte.....	74
4.2	VARIÁVEIS SOCIAIS DOS TEXTOS ORAIS	75
4.3	VARIÁVEIS CRUZADAS DOS TEXTOS ORAIS	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
	ANEXO	83

LISTAS

Tabela 1 – Natureza da forma pronominal de 2ª pessoa do singular.....	59
Tabela 2 – Paralelismo formal no nível discursivo	61
Tabela 3 – Resultados comparados: Paralelismo formal no nível discursivo	62
Tabela 4 – Interação emissor/receptor	64
Tabela 5 – Resultados comparados: Interação emissor/receptor.....	64
Tabela 6 – Explicitação do pronome tu.....	66
Tabela 7 – Resultados comparados: Explicitação do pronome tu.....	66
Tabela 8 – Tempo verbal (marcação da concordância com TU).....	68
Tabela 9 – Resultados comparados: Tempo verbal (marcação da concordância com TU).....	68
Tabela 10 – Saliência fônica	70
Tabela 11 – Resultados comparados: Saliência fônica	70
Tabela 12 – Tonicidade do verbo.....	71
Tabela 13 – Resultados comparados: Tonicidade do verbo	71
Tabela 14 – Número de sílabas dos verbo.....	73
Tabela 15 – Resultados comparados: Número de sílabas dos verbo.....	73
Tabela 16 – Contexto fonológico seguinte.....	74
Tabela 17 – Resultados comparados: Contexto fonológico seguinte.....	75
Tabela 18 – Sexo	76
Tabela 19 – Escolaridade	77
Tabela 20 – Escolaridade e sexo	77

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a linguagem verbal surgiram há muito tempo. Sabe-se que, no século III a.C., a língua já era discutida por alguns estudiosos. Desde então, muitos questionamentos surgiram e muitos conceitos foram descartados, o que mostra que o homem busca, na história e na sua visão pessoal, respostas para algumas transformações em relação à linguagem. Não podemos, no entanto, falar de língua sem falar em sociedade, já que sempre se buscaram - e ainda hoje o fazemos - explicações para a relação entre ambas.

Tendo esta visão indissociável entre língua e sociedade, no presente trabalho, apresentaremos uma descrição e análise do uso variável da forma verbal de segunda pessoa do singular na fala de informantes de Tubarão (SC), numa perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística variacionista.

Esta dissertação está desenvolvida da seguinte forma: no primeiro capítulo, a introdução, na qual apresentamos a descrição do fenômeno analisado (a flexão verbal de

segunda pessoa do singular), a justificativa, a literatura na área sobre o fenômeno em questão e os objetivos da pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos em que se insere a pesquisa, contextualizando os pressupostos que podem nortear um estudo de fenômenos lingüísticos em variação. No terceiro, a parte metodológica da pesquisa. No quarto capítulo, a discussão e a análise da amostra dos dados. Por último, no capítulo quinto, as considerações finais e as sugestões para novas pesquisas.

1.1 PROBLEMA

As gramáticas tradicionais mais antigas e também algumas atuais não descrevem significativamente o português do Brasil. Isso é um fato. Palavras como *você*, *a gente*, que poderiam ser classificadas como pronomes, nem chegam a ser citados pelas gramáticas tradicionais.¹ *Você*, por exemplo, aparece como pronome de tratamento. Já *a gente*, por ser uma forma relativamente nova em relação à classe pronominal, não vem prescrita gramaticalmente, pois as gramáticas mais antigas, e também algumas atuais, consideravam essa expressão como referencial e não pronominal.

¹ Sacconi (1999) cita a expressão *a gente* apenas no item em que mostra as principais dúvidas sobre pronomes pessoais, mostrando que esta expressão pode somente substituir o pronome *nós* (*A gente* foi lá e não encontrou ninguém), não substituindo o pronome *eu* (*A gente* se ilude muito na vida). Cegalla (1993) nem cita estas expressões nos pronomes e no emprego deles. Terra e Nicola (1994), do mesmo modo que Cegalla, também não citam estas expressões. Trabalham apenas com *você* como pronome de tratamento. Mesquita (1999), apesar de abordar o uso do pronome *você* ocorrendo juntamente com o pronome *tu*, traz *você* e *a gente* na tabela de pronome de tratamento, o que fere as regras gramaticais tradicionais. Os livros citados aqui não diferenciam muito bem quando estas expressões são pronomes pessoais e quando são pronomes de tratamento. Falta uma definição melhor em todas as gramáticas analisadas.

Entretanto, abordagens de natureza descritivista do português falado no Brasil, como a *Gramática de usos* (Neves, 2000) já incluem estas formas como pronomes pessoais retos.

Há uma diversidade de concepções de gramáticas e os usuários, que, muitas vezes, não sabem qual a função de cada uma delas. Para fins didáticos, é comum a literatura trabalhar com três tipos principais: a materna, a prescritiva e a descritiva, e vamos diferenciá-las segundo Travaglia (1996: 58). A gramática materna é aquela que herdamos, é o conjunto de regras que é dominado pelos falantes, e que possibilita a comunicação entre eles. É como um mecanismo inato, que surge à medida que dessas regras precisamos. A gramática prescritiva não valoriza a descrição de um fenômeno e se distancia do que ocorre naquela língua. Este tipo de gramática baseia-se, em geral, nos fatos da língua escrita, sem preocupar-se com a fala. Podemos citar como exemplo a gramática normativa, que serve de base para muitos profissionais de ensino de língua, e estas regras teimam em considerar ou não o que é considerado correto na língua, deixando de lado toda a variedade da fala.

Por último, há a gramática descritiva, que descreve a língua como ela está sendo usada no momento, ou seja, sincronicamente, analisando-a e buscando explicações para os fenômenos que nela ocorrem. Esta gramática trabalha com qualquer tipo de variedade lingüística, deixando de se preocupar só com a variedade considerada culta. Há, contudo, outras diferenças entre as variedades lingüísticas que não se baseiam somente nas diferenças lexicais. Tudo dependerá do contexto em que forem empregadas.

Hoje, alguns pronomes são mais usados que outros. Aqueles considerados pela gramática normativa como cultos, os únicos verdadeiros da língua, estão dando espaço para

outras palavras, que antes não poderiam ser consideradas pronomes. O pronome *vós*, por exemplo, já não é mais utilizado com frequência, tanto na fala quanto na escrita; ele continua a aparecer somente em textos mais conservadores, como na tradução bíblica ou nos textos jurídicos, já que o uso deste pronome transmite a idéia de superioridade, de posição social mais elevada, de imponência. Somente as gramáticas tradicionais insistem em mantê-los como a única forma de marcação da 2ª pessoa do plural, excluindo a forma pronominal *vocês*, por exemplo.

A segunda pessoa do singular apresenta variação na representação da sua forma pronominal: a mais conservadora - *tu* - está coexistindo com as formas *você* e *o senhor/a senhora*. O que ocorre, na verdade, é que a função desempenhada pelo pronome *tu* está sendo preenchida também por outras formas.

A flexão verbal de segunda pessoa do singular, ainda que em sentenças sem o sujeito sintático preenchido, permite-nos a identificação do pronome pessoal com o qual concorda. Na frase “**Sabes** onde está o caderno?”, não precisamos do preenchimento do sujeito sintático na forma pronominal, por exemplo, como ensinado nas gramáticas tradicionais: a flexão do verbo marca a segunda pessoa do singular, ou seja, concorda com o pronome *tu*. O que está ocorrendo é a inserção de mais de uma forma pronominal para a representação da segunda pessoa singular do discurso, enquanto que a gramática prescritiva admite somente uma.

O sistema natural de internalização de regras pelo falante do português brasileiro já aceitou esta inovação, o que acarreta muitas contradições no ensino de língua materna, com base na gramática normativa nas escolas. Nossas gramáticas ficam, muitas vezes, distantes da

realidade lingüística, já que seu objetivo não é, na maioria das vezes, descrever a língua em toda a sua complexidade. Nossa língua é composta de vários subsistemas, ou seja, a análise da língua deve abranger diferentes tipos de pronomes pessoais: os subjetivos e os objetivos, que devem ser abordados no ensino. De acordo com Menon (1995, p. 91):

o sistema natural da língua é composto de subsistemas – fonológico, morfológico, sintático (ou morfossintático, segundo alguns autores), semântico. O sistema dos pronomes pessoais seria então uma parte do subsistema morfológico ou morfossintático (que se oporia ao sistema dos pronomes pessoais objeto, por exemplo), constituindo ele mesmo um conjunto de relações abstratas cujas oposições significativas seriam os traços [+singular] e [+pessoa] de um lado e, depois, no traço [pessoa], haveria uma oposição [+1ª pessoa] ou [+2ª pessoa], segundo se queira privilegiar uma delas.

Os pronomes que estão em desuso, apesar de serem reconhecidos como fazendo parte do sistema, podem demorar muito para desaparecerem totalmente.²

De acordo com Berlinck, Augusto e Scher (*apud* Mussalim e Bentes, 2001, p. 219) “segundo nossas gramáticas normativas, em língua portuguesa, o uso de sujeito pronominal explícito pode ser dispensado uma vez que as marcas de flexão do verbo já identificam a pessoa do discurso, (...)” Sendo assim, a flexão verbal, que mudou por causa da preferência pelo pronome *você* em detrimento do pronome *tu*, também sofreu modificações. Por exemplo, mesmo utilizando a forma pronominal de segunda pessoa do singular – *tu* –, o verbo pode ou não concordar com ela. Podemos dizer “*Tu cantas*”, utilizando a flexão considerada correta pela gramática tradicional, ou “*Tu canta*”, utilizando a forma observada pelas gramáticas descritivas atuais. As duas formas coexistem, dando mais liberdade ao falante, já que este pode escolher qual forma usar em determinados contextos. Claro que as

² O desaparecimento de um pronome não é tão simples como parece. Antes o pronome em uso coexiste com outro, sendo que este pronome até fica em desvantagem de uso em relação ao pronome usado anteriormente. Mas, para seu total desaparecimento, é preciso que não se encontrem vestígios do pronome anterior em qualquer material atual, inclusive em documentos importantes, já que estes tendem a ser mais conservadores.

possibilidades de mudança podem ir além desse exemplo. Podemos usar ainda, no lugar do pronome *tu*, *você*, que é uma forma decorrente de “vossa mercê”, e *o senhor* e *a senhora*.

Outro fator importante é que o falante apresenta variações na sua língua, na sua fala, conforme o contexto de uso, a situação em que se encontra. O falante usa em determinados contextos uma forma e a outra forma em um contexto diferente, mesmo que ele não consiga controlar essas variações, mesmo que seja um ato inconsciente. E é isso que caracteriza realmente a fala, um tipo de liberdade para o falante. Essa “liberdade” deve ser investigada, a fim de comprovar em quais contextos uma forma ocorre mais que a outra.

Mas o que leva as pessoas a usarem uma ou outra forma pronominal? O uso de uma forma pronominal pode depender, principalmente, de como o interlocutor do discurso utiliza esse pronome e de que forma este pronome surge no contexto do interlocutor. É a partir daí que este trabalho analisará o uso variável da forma verbal de segunda pessoa, bem como o uso dos pronomes que a acompanham (*tu*, *você*, *o senhor*, *a senhora*) na região de Tubarão (SC).

Sabe-se que os falantes adquirem as variedades lingüísticas próprias de sua região e classe social a que pertencem. Essa relação entre linguagem e sociedade, ou entre língua, cultura e sociedade, se mostra, desde o século XX, com autores como Meillet, Bakhtin, Cohen, Benveniste, Jakobson, entre outros. Sendo assim, muitos são os itens que podem ser relacionados às variações lingüísticas.

Vamos citar os mais significativos apenas: a variação de natureza lingüística³ (interna ao sistema lingüístico: por exemplo, o apagamento da semivogal de ditongos, como em *caixa*; e a pronúncia da semivogal de ditongos, como em *leite*) e a variação de natureza extralingüística: (i) *diatópica* (geográfica), (ii) *diastrática* (estratificação social: profissão, classe social), (iii) *social* (idade, sexo, escolaridade) e (iv) *estilística* (nível de formalidade/informalidade da fala). A variação diatópica relaciona-se com as distinções lingüísticas dentro de um espaço físico e pode ser observada entre falantes de origens geográficas e étnicas diferentes. A variação diastrática relaciona-se a vários fatores que têm relação com a estratificação social dos falantes, além da organização sociocultural da comunidade falante. A social toma como referência a faixa etária em que o falante se insere, grau de escolaridade (ou não), e o sexo masculino ou feminino. A depender do contexto social em que o falante está inserido no momento da fala (situação comunicativa), sua linguagem tende a obedecer a um estilo, ou de natureza mais formal ou menos formal. Nesta pesquisa, portanto, vamos descrever o uso variável da flexão verbal de segunda pessoa do singular a partir do controle de variáveis lingüísticas e variáveis extralingüísticas (*diatópica*: informantes de Tubarão/SC e *social*: sexo, idade e escolaridade).

1.2 JUSTIFICATIVA

Como vimos anteriormente, o estudo Sociolingüístico leva em conta as diferenças de usos de uma forma lingüística, diferenças estas que podem estar relacionadas a fatores de natureza diversa, sejam eles internos ou externos ao sistema lingüístico.

³ Variação de natureza *lingüística*: entre outras, também pode ser chamada de variação *estrutural*.

Sabemos, também, que o emprego de uma ou de outra variante na língua pode ser marcado por preconceito lingüístico, e isso acaba gerando uma série de conflitos entre estudos descritivistas e estudos prescritivistas de uma determinada língua. Para os lingüistas, não há errado nem certo, há o diferente, o novo. Não há como estudar a língua como uma coisa morta, estática, como se as pessoas que a utilizam fossem estáticas, mortas também. A gramática normativa, dada a sua natureza prescritivista, tem sido usada, muitas vezes, indevidamente, o que faz com que a língua pareça estática.

A Sociolingüística, através de estudos quantitativos, mostra que a variação lingüística é um fenômeno constitutivo do sistema, e pode ser sistematizada, ou seja, a variação estrutural (ou lingüística) é determinada também por fatores sociais. Na fala, no entanto, as pessoas demoram a aceitar a mudança da língua, pois há falantes (pesquisadores ou não) que resistem em aceitar formas lingüísticas em variação, até porque muitas vezes elas são pouco perceptíveis, ou coexistem com as mais antigas, na sua maioria, as mais aceitas. E a variação lingüística não se insere num determinado sistema lingüístico de um momento para outro, mas a longo prazo.

As diferenças entre fala e escrita também são motivo de discussão. O que acontece é que falamos de um jeito e escrevemos de outro⁴. Cabe a pesquisas como esta entender melhor a diversidade do português do Brasil, mostrando que vários fatores

⁴ Marcuschi (1997), em “*Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica*”, comenta que “a fala é uma atividade mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita.” Isso mostra que o que deveria ser valorizado na escola, que é a fala, que já vem com o aluno, fica em segundo plano e este aluno, muitas vezes, é obrigado a esquecer o que sabe e aprender tudo de novo, fazendo com que a língua se torne muito difícil. Como um falante pode achar a sua língua difícil? É uma incoerência o que vemos hoje nas escolas.

contribuem para as variações de fala, e que somente através de um estudo que encaixe a linguagem verbal no contexto social da comunidade é que vamos constituir o português do Brasil.

A norma culta, ensinada nas gramáticas escolares, é a variante de prestígio. Os gramáticos tradicionais, apesar de aceitarem as variedades da língua, consideram a norma culta a única variante aceitável. Moura (*apud* Silva e Moura, 2000, p. 75) afirma que um fator importante para essa postura é a maneira como entendem a relação entre pensamento e linguagem:

Os gramáticos tradicionais entendem que o seu papel é valorizar a variedade lingüística que estaria mais de acordo com o pensamento; a variedade escolhida seria um instrumento simultaneamente mais maleável e mais rigoroso para a expressão do pensamento. E como a cultura de um povo é moldada fundamentalmente pela língua, a posição desses gramáticos é que é preciso escolher corretamente a forma de expressão dessa cultura.

Há também outras razões para essa postura. Camacho (*apud* Mussalim e Bentes, 2001, p.69) afirma que:

O modo como a língua é ensinada na escola pratica tradicionalmente o modelo da deficiência. O principal pressuposto da tradição normativa é que cabe à escola o papel de compensar supostas carências socioculturais. Decorre desse pressuposto que a principal tarefa do ensino é substituir a variedade não-padrão. A esse modo de existência, a Sociolingüística propôs uma alternativa fundamental, segundo a qual variações de linguagem não devem passar por um crivo valorativo, já que não são mais que formas alternativas que o sistema lingüístico põe à disposição do falante. Nesse caso, é outra a tarefa fundamental da pedagogia da língua materna: cumprir despertar a consciência do aluno para a adequação das formas às circunstâncias do processo de comunicação.

Essa visão da língua, ou seja, um discurso pautado em regras prescritivas que obscurece a espontaneidade, faz com que as pessoas usem sua língua fixada mais em regras que no próprio ato espontâneo de falar, de se comunicar. Para muitos brasileiros, a fala expressada pelos gramáticos pela gramática prescritiva, tradicional, faz com que a

espontaneidade da língua, da fala, seja deixada de lado, principalmente para aqueles que tiveram pouco ou nenhum contato com a gramática ‘ensinada’ nas escolas.

A teoria da variação lingüística trabalha com regras variáveis de fala, ou seja, com falantes e seu conhecimento gramatical adquirido naturalmente, seja aquele aprendido em casa, na escola ou em qualquer outro ambiente em que se usa a linguagem. Para a análise de descritivistas de fala, parte-se, num primeiro momento, de uma coleta de entrevistas, com falantes separados por idade, sexo, escolaridade e região. Estas entrevistas costumam ser coletadas de modo natural, sem uma prévia explicação do que será analisado, para que as pessoas não se prendam a certas “regras” e, sim, à comunicação, que é o principal naquele momento para o pesquisador. A partir da entrevista, o pesquisador descreve e analisa os dados, atentando aos fatores lingüísticos e extralingüísticos controlados.

Sendo assim, a importância deste trabalho é a sua contribuição para a pesquisa e o ensino da língua portuguesa frente a fenômenos lingüísticos de uso variável. Vamos partir, portanto, de amostras de falantes e falas reais, mostrando que a língua é viva, que há muitas possibilidades de uso, não só a variante encontrada nas gramáticas normativas trabalhadas nas escolas. A língua é mais que isso é transformação, é dinâmica e é preciso estarmos abertos a estas mudanças para que este estudo traga a contribuição desejada.

1.3 LITERATURA LINGÜÍSTICA NA ÁREA

1.3.1 O ESTUDO DA CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Alguns trabalhos já foram realizados sobre a concordância verbal no português do Brasil, como os de Guimarães (1979), Soares (1993), Menon (1995, 1996a, 1998 e 2000), Faraco (1996), Loregian (1996), Hausen (2000) e Menon e Loregian (2002). Estes trabalhos também tomaram como pressuposto teórico-metodológico a Teoria da Variação e Mudança Lingüística.

Loregian (1996) estudou a concordância verbal com o pronome *tu* na fala do sul do Brasil, em dados de 24 moradores dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, totalizando 96 entrevistas por estado. Neste trabalho, Loregian comprovou algumas hipóteses, como a de que *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros*, a de que a marca morfológica, o *pretérito perfeito do indicativo* mais precisamente, não é usado freqüentemente na variante do português do Brasil falado pelos entrevistados analisados por ela, e a de que verbos *oxítonos* são mais marcados com a flexão que os *paroxítonos*. Além destas hipóteses, Loregian ainda confirmou que a concordância verbal com o pronome *tu*, na região de Porto Alegre, é praticamente inexistente. Esta pesquisa será retomada aqui, com o intuito de verificar se as hipóteses e os fatores considerados por ela, para a região sul do Brasil, são significativas também para a região de Tubarão (SC).

1.3.2 O SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL

O estudo das formas pronominais representativas das pessoas do discurso no Brasil tem levado muitos pesquisadores a questionarem sobre o modo como conduzir o ensino e aprendizagem de língua materna no português falado no Brasil. O uso dos pronomes

representativos da ‘pessoa com que se fala’ é diferenciado nas diversas regiões do país. Cunha e Cintra (1985), por exemplo, afirmam que a região Sul do país é a única a usar o pronome *tu*. O uso deste pronome pode até ocorrer com mais frequência, o problema é que a flexão verbal que acompanha este pronome não é aquela que a gramática normativa prescreve.

Os compêndios escolares trazem o uso do pronome pessoal-sujeito constituído de *eu-tu-ele, nós-vós-eles*, singular e plural, respectivamente. Sabemos, no entanto, que esses pronomes já sofreram modificações. Segundo Menon (1995, p. 91), o desaparecimento do pronome *vós* é um fato inquestionável, já que este aparece muito pouco tanto na língua oral como na língua escrita, mostrando-se somente nas gramáticas escolares. Para ela, em um trabalho mais atual envolvendo o português do Brasil, principalmente no que se refere ao uso dos pronomes, este fato pode ser comprovado. A crítica feita por ela às gramáticas escolares é que muitas delas não assumem que há um outro pronome de segunda pessoa do singular que é a forma *você*. Ora, se não incluem o uso desta forma como pronome pessoal, não há espaço também para as formas *o senhor/a senhora* nem para a forma *a gente*.

A preferência pelo uso do pronome *você* em detrimento do pronome *tu* no português do Brasil é ponto de desestabilização do paradigma original, já que o uso de *você* combina-se com a forma verbal de 3ª pessoa, ou seja, o uso de *você* contribui para a regularização do paradigma verbal de número e pessoa.

Historicamente, a variante pronominal de segunda pessoa do singular *tu* era usada pela classe social prestigiada e envolvia certo grau de intimidade entre os interlocutores. Não se podia, por exemplo, utilizar este pronome ao se dirigir a uma pessoa desconhecida. Para a época, isso violaria as regras de conduta da sociedade. Com o tempo o pronome *tu* passou a

ser usado por todas as pessoas, independentemente da classe a que pertenciam. Por outro lado, o uso do pronome *você* sofreu grandes transformações até chegar ao que é hoje. Iniciando com a forma *Vossa mercê*, usado somente para se dirigir ao rei, este pronome de tratamento foi se modificando aos poucos até conseguir sua forma atual.

Sabemos que hoje, através de alguns trabalhos, como aqueles citados anteriormente, os pronomes *tu/você* coocorrem no Brasil, sendo que o pronome *tu* continua sendo usado somente em algumas regiões do país (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e algumas áreas do Norte e do Nordeste). Nessas regiões, onde o uso do pronome *tu* predomina, verificou-se que o pronome *tu* é usado com verbos sem flexão da segunda pessoa, sendo que esta verificação será feita posteriormente neste trabalho. Loregian (1996) constatou, em sua dissertação de mestrado, marcas de oralidade em que não há o uso do pronome *tu* em Curitiba e que em Porto Alegre e Florianópolis o pronome *tu* e *você* aparecem simultaneamente. O que falta, porém, é um estudo mais detalhado destes usos, para se ter uma resposta mais clara sobre qual teria sido o motivo desta variação. Talvez essa explicação se dê através da história, como mostrado anteriormente. O pronome *você* originou-se de uma locução nominal e, por isso, deve aparecer com o verbo na terceira pessoa. Mesmo com a sua *gramaticalização*, ou seja, com a sua *mudança de categoria (de nome para pronome, por exemplo)*, o pronome *você* não se combina com a forma verbal de 2ª pessoa do singular. Se o pronome *você* marca a segunda pessoa do singular seria esperado também concordar com o verbo na segunda pessoa do singular, mas essa reestruturação não aconteceu e, com o passar dos tempos, o pronome *tu* também acabou concordando, em algumas regiões, com verbos na terceira pessoa do singular. Houve, então, uma redução de marcas morfológicas do paradigma verbal resultante dessa mudança do pronome de 2ª pessoa *tu* para *você*. Menon (1995, p. 97) tem a hipótese de que

os falantes interiorizam a forma verbal com morfema \emptyset como a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre dois pronomes possíveis: *tu* ou *você*.

O que ocorre em Santa Catarina, por exemplo, é que o uso de uma ou outra forma pronominal ainda está numa fase de variação, sendo que o paradigma verbal está mais estabilizado.

1.3.3 A MARCAÇÃO DO VERBO NA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Para a gramática normativa, o pronome *tu* deve ser usado com marcação flexional, ou seja, deve combinar-se com a forma verbal específica para a segunda pessoa. O uso de *você*, *o senhor*, *a senhora*, como afirmamos anteriormente, já fazem parte do sistema pronominal dos falantes do português do Brasil. *Senhor* e *senhora* são pronomes de tratamento originalmente, mas sofrem recategorização, mediante o uso do artigo, da mesma forma que *a gente*. Sendo *você* e *senhor/senhora* usados no lugar do pronome *tu*, deveriam ter marcação morfológica de segunda pessoa no verbo. Para Faraco e Moura (2000, p. 538) a flexão, ou concordância, “é a igualdade de gênero e número entre substantivo e adjetivo, artigo, numeral, pronome e igualdade de número e pessoa entre verbo e sujeito”.

A marca morfológica do verbo associada ao pronome *tu* (*-s*, *-ste*, etc.) está em contraste com a marca de concordância verbal zero, do pronome de 3ª pessoa do singular, ou seja, se tivermos como exemplo: “*Tu comes muito arroz.*”, o verbo comer concorda com o pronome *tu*, já que vem marcado com o *-s*, da segunda pessoa do singular. Diferente do exemplo: “*Ele come muito arroz*”, em que o pronome é de terceira pessoa e a flexão verbal também marca a terceira pessoa do singular. Para Faraco e Moura (2000, p. 325), a pessoa

gramatical do verbo pode ser de três tipos: primeira pessoa, que é aquela que fala e pode estar no singular ou no plural (*eu – nós*); segunda pessoa, que é aquela que ouve, que pode ser do singular ou do plural (*tu – vós*); e terceira pessoa, que é aquela de quem se fala, que pode estar no singular ou no plural (*ele/ela – eles/elas*). Para eles, “as flexões de pessoa e número vêm associadas uma a outra, ou seja, ao indicar a pessoa gramatical, o morfema indica também o número. Portanto, pessoa e número correspondem praticamente a uma única flexão”.

Sendo assim, construções do tipo: “*Tu foi na minha casa*” não seguem a norma culta, pois há uma discordância entre a flexão verbal e o pronome, possivelmente decorrente da variação entre o pronome *tu* e *você*, já que este último combina com a forma verbal de 3^a pessoa.

1.4 OBJETIVOS

Nesta pesquisa pretendemos descrever e analisar a questão da variação no uso do pronome de segunda pessoa do singular (*tu, você, o senhor ou a senhora*), e sua combinação com a forma verbal, na fala tubaronense, baseada na teoria de variação e mudança lingüística laboviana, identificando que os fatores lingüísticos e extralingüísticos levam o falante a usar uma ou outra forma pronominal. Como fatores lingüísticos analisaremos os já estudados em Loregian (1996) como: a) o paralelismo formal; b) a explicitação do pronome; c) a interação emissor/receptor; d) a tonicidade do verbo; e) o número de sílabas do verbo; f) o contexto fonológico seguinte; g) e a saliência fônica. Pretendemos ainda, verificar se há outros fatores lingüísticos relevantes na variante do português falado em Tubarão (SC). Como fatores extralingüísticos observaremos a faixa etária, o sexo do falante e o grau de escolarização, a

fim de analisar que fatores sociais condicionam o uso de uma ou outra forma. A partir desta análise, esta pesquisa pretende ainda investigar se esta variação das formas pronominais pode estar desenvolvendo uma mudança em progresso.

Para uma análise mais completa, haverá um confronto com os dados encontrados no trabalho de Loregian (1996), cuja pesquisa analisou a concordância verbal somente com a forma *tu*, do pronome de segunda pessoa. Esta pesquisa trabalhou com falantes do sul do Brasil, mais precisamente de Porto Alegre, e do Ribeirão da Ilha, uma região de Florianópolis. A região de Tubarão, objeto desta presente pesquisa, está situada geograficamente entre essas regiões. As hipóteses apresentadas por ela, em sua dissertação de mestrado, como a de que I) marcas conduzem a marcas; II) zeros a zeros; III) o tempo verbal influencia a concordância com o pronome *tu*; IV) os itens de maior número de sílabas, por serem mais perceptíveis, são os mais marcados pela concordância verbal etc., serão verificadas aqui, para descobrirmos se o mesmo acontece na região de Tubarão (SC).

Além dos já citados, são também outros objetivos deste trabalho: o primeiro deles envolve o ensino da língua materna, já que, cada vez mais, é preciso um melhor entendimento dos fenômenos lingüísticos que constituem a gramática do português do Brasil. Estudos como este fortalecem a descrição da língua, tornando-a mais real e menos distante daquela que o falante usa. Outro objetivo é contribuir para a gramática descritiva, já que essa pesquisa trabalha com falantes reais, e este tipo de gramática precisa de um banco de dados consistente para uma análise mais detalhada. E, por fim, objetivamos, também, o incentivo a outras pesquisas, já que esta pode servir de base, podendo ser comparada a outras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo da língua tem mostrado que não existe língua homogênea, a linguagem verbal humana muda com o tempo. Ela não é estática, até porque os falantes que se utilizam dela não o são.

Para Alkmim (*apud* Mussalim e Bentes, 2001, p. 28) a história da Sociolingüística teve seu início, mais precisamente, em um congresso, onde compareceram muitos estudiosos preocupados com a relação entre linguagem e sociedade.

O termo Sociolingüística, relativo a uma área da Lingüística, fixou-se em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

Um dos representantes dos estudos na área da Sociolingüística foi William Labov, que foi o iniciador do modelo teórico-metodológico da “Teoria da Variação Lingüística”.

A teoria e método variacionistas propostos por Labov foram usados por muitos pesquisadores. Loregian (1996, p. 10) apresentou, baseado em Sherre (1993b), alguns pressupostos variacionistas que compreendem:

- a existência de uma tensão no sistema: pressões internas do sistema lingüístico, de um lado, e forças sociais sobre a comunidade, de outro;
- a idéia de que a variação é inerente ao sistema lingüístico e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema;
- a dissociação que se faz entre estrutura e homogeneidade, uma vez que a variação não existe só na comunidade, mas inclusive na fala de uma mesma pessoa;
- a variação não é aleatória, mas sim governada por restrições lingüísticas e extralingüísticas (sociais);
- fenômenos lingüísticos variáveis, expressos por duas ou mais variantes, que apresentam tendências regulares passíveis de serem descritos e explicados por restrições de natureza lingüística e não lingüística;
- a necessidade de dados produzidos em situações reais, isto é, dados empíricos e não dados obtidos em estantes ou bibliotecas, dados que revelam a verdadeira configuração de uma dada língua, e também os seus caminhos de mudança.

Estes dados são extremamente importantes, já que muitas pessoas preferem analisar a língua através daquilo que parece já estar pronto e acabado.

2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Sabemos que a língua falada é variável e heterogênea. O tempo é um dos fatores responsáveis pela mudança, a qual necessariamente envolve primeiramente uma variação. A teoria da variação analisa a língua num determinado momento, sincronicamente; a mudança da língua, no entanto, só pode ser comprovada com a análise da língua em vários momentos, diacronicamente.

Segundo Tarallo (1986, p. 65), para analisar a língua, diacronicamente, podemos fazer um recorte transversal da amostra sincrônica em relação à faixa etária dos informantes. E, assim, o tempo aparente, ou seja, a primeira dimensão histórica será acrescentada à análise.

Feita a análise dos fatores condicionadores internos, você deverá correlacionar as variantes ao fator idade. A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso, (...).

Toda variação lingüística é motivada pelas diferenças entre os falantes, pela heterogeneidade que a própria língua permite. Toda mudança lingüística supõe variação, mas nem tudo que varia pode resultar em mudança. O que acontece é que a mudança ocorre porque a língua sofreu variação, mas se acontece uma variação, não quer dizer que, obrigatoriamente, isso venha a se tornar mudança.

O uso de duas variantes, no entanto, não altera o valor semântico de uma sentença. A língua, justamente por ter características mutantes e por não alterar a semântica da frase, permite a seus usuários a sua utilização individual. Muitas pessoas, por isso, podem dizer a mesma coisa, com um mesmo valor de verdade, ou seja, são equivalentes semanticamente e coocorrem num dado estado de tempo na língua. Na Sociolingüística, chamamos esse conceito de *variante lingüística*. Em outras palavras, variantes lingüísticas são as diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa em uma determinada situação, ou contexto, mas que têm o mesmo valor de verdade. Variável, no entanto, é o nome que damos ao conjunto de variantes. Porém, o uso de cada variante é determinado por certos fatores (lingüísticos e extralingüísticos). Neste trabalho, estamos analisando a concordância verbal em relação ao pronome, que é a variável lingüística, e a essa variável correspondem três variantes lingüísticas: *tu foi*, *tu foste* ou *tu fosse*, por exemplo.

Em certas condições, o falante usa em determinado momento uma variante, em outro momento outra variante, conforme a situação ou o contexto da fala em que se encontra. Cada variedade é resultado das experiências históricas e socioculturais do grupo que a usa e, para a lingüística, não há melhor ou pior, nem certo ou errado: a variação pode ser sistematizada e reflete a experiência do uso da língua por determinado povo. Monteiro (2000, p. 59) diz que, segundo Labov, para se definir uma variável lingüística é preciso definir o número certo de variantes, delimitar o contexto em que elas aparecem e elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores de cada variável. A partir disso, a análise dar-se-á naturalmente, pois os itens principais para a comprovação da existência de uma variável são mais visíveis.

Uma outra questão envolvendo a variação lingüística é aquela das variantes estigmatizadas. Segundo Monteiro (2000, p. 65),

um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social. Em todos os níveis lingüísticos se manifesta essa distância: na fonologia, no léxico, na sintaxe. Ele provavelmente usará formas como vrido, pranta, expilicar e musga ou construções do tipo nós veve, ele viu eu, eu se danei etc. E, com isso, é mais discriminado ainda pela sociedade.

Há um preconceito na aceitação de algumas variantes utilizadas por falantes com estas características. Suas inovações são estereotipadas como erradas, feias, e muitas delas são discriminadas pela sociedade em geral.

A teoria Sociolingüística trata tanto da variação quanto da mudança. Já dissemos que nem toda variação pressupõe mudança. O que é preciso ser dito, é que, com relação à mudança, o pesquisador necessita de uma metodologia específica para detectar a mudança, caso se esteja trabalhando somente com língua falada.

A diferença entre o linguajar das pessoas jovens e pessoas mais idosas é visível. A idade, um fator analisado nas pesquisas sociolingüísticas, é indispensável para uma análise mais precisa, claro, sem deixar de lado a heterogeneidade constitutiva do sistema lingüístico. A variação de uma língua, porém, não pode ser considerada característica obrigatória, é apenas um “acidente” – se é que podemos considerar a variação um acidente –, que pode ou não acontecer. No entanto, muitas vezes os falantes não têm consciência de que sua língua está mudando, pois todas as mudanças lingüísticas acontecem de forma lenta e gradual. Segundo Tarallo (2001:65), o pesquisador deve fazer um corte transversal na amostra sincrônica através da correlação da regra variável e o fator idade.

Mas nem sempre os falantes são os últimos a saber das mudanças em sua própria língua: há situações em que eles acabam percebendo que ela sofre mudança. Servem de exemplo aqui as situações em que um falante lê um texto muito antigo em seu próprio idioma, ou quando convive com falantes bem mais jovens ou bem mais velhos, ou ainda no convívio com pessoas de classes sociais diferentes que não possuem a cultura escrita, ou também quando escreve e encontra dificuldades para adequar seu texto ao padrão da língua cultivado socialmente na escrita. O que acontece é o seguinte: as mudanças não são imediatamente sentidas pelos falantes, ou os falantes não estão necessariamente conscientes de tais mudanças. E isso se deve a alguns fatores, pois as mudanças são lentas e graduais, são parciais e envolvem apenas parte do sistema e não o seu todo, e sofrem influência de uma força oposta: preservação de intercompreensão. Quanto à variação, qualquer falante pode constatar que a sua língua varia; tanto que se pode estabelecer variantes prestigiadas e não prestigiadas. A mudança também pode ser observada, desde que se tenha meios para isso: escritas antigas comparadas com as atuais e com as novas tecnologias – discos antigos e filmes também são bons exemplos.

As diferenças entre os grupos sócio-econômicos também são decisivas para a teoria laboviana. Os grupos com menos prestígio social é que iniciam os processos de mudança e, já que a variante de prestígio da classe dominante, em geral, é mais resistente a mudança, impõe-se, justamente por marcar o prestígio da língua utilizada por ela. As variantes das classes dominadas acabam estigmatizadas, muitas vezes, desestruturam-se e acabam sendo suplantadas pelas variantes surgidas nas classes dominantes, pois sua língua não tem tanto prestígio – ou, por que não dizer, “valor” – quanto a outra. Se a mudança, no entanto, ocorrer no grupo de maior status sócio-econômico, tende a ser usada por todos os

membros da comunidade. Parece, contudo, que as inovações surgidas nestes grupos são menos freqüentes.

Algumas variações, que podem ou não acarretar em mudança, dependem de alguns fatores – intra e extralingüísticos – que são responsáveis pelas variações inicialmente. A mudança está envolvida com esses fatores, mas de uma forma diferenciada e complexa, já que nem sempre variação resulta em mudança.

2.1.1 FATORES INTERNOS OU LINGÜÍSTICOS

Como fatores lingüísticos ou internos temos o fonológico, o morfossintático, o sintático, o discursivo etc., que contribuem para a realização de um estudo mais preciso. Todos esses fatores são importantes para uma pesquisa, mas esta abordará mais os fatores fonológicos, morfológicos, que estudam a forma da palavra e alguns aspectos de sua flexão, e sintáticos, que trabalham com a concordância, por exemplo, que verifica se o processo pelo qual uma palavra variável se flexiona em gênero, número, grau e pessoa para se adaptar a outra com a qual se relaciona. Na verdade, o que o pesquisador objetiva é descrever e sistematizar esse “caos” da variação, buscando os fatores que são relevantes para a variação. E estes fatores podem ser de natureza lingüística, quando determinados contextos “estruturais” são determinantes para a ocorrência de certa variante e esses contextos, por sua vez, podem estar relacionados aos níveis fonológico, morfológico e sintático. Há ainda outros fatores condicionantes, que também são observados pelo pesquisador, que são os de natureza extralingüística: os geográficos e os sociais.

Segundo Silva (*apud* Mollica, 1992, p. 33)

os primeiros trabalhos variacionistas tratavam de fenômenos morfofonológicos, nos quais a premissa básica da variação – que duas ou mais formas alternantes ocorram no mesmo contexto, com o mesmo significado – podia ser mantida com certa confiabilidade. Além disso, a exigência de um grande número de ocorrências para a análise era facilmente cumprida. Afinal, numa amostra de fala encontram-se mais sons/fonemas do que qualquer outra entidade lingüística.

Essas formas alternantes que acontecem na língua são chamadas variáveis lingüísticas, como já foi explicado anteriormente. As variantes lingüísticas acontecem porque existem várias maneiras de se dizer algo, com o mesmo valor de verdade. Se o significado fica alterado, não é uma variante, já que perde esse valor de verdade que deve existir.

A questão do contexto é outro fator importante aqui. As formas variantes devem, obrigatoriamente, ocorrer no mesmo contexto, já que, ocorridas em contextos diferentes, poderiam não ser atribuídas a uma mesma variável, tornando difícil a análise.

Os fatores lingüísticos analisados aqui, e também analisados por Loregian (1996)⁵, é que serão trabalhados nesta pesquisa, observando se o mesmo acontece com os falantes de Tubarão (SC).

2.1.2 FATORES EXTERNOS OU EXTRALINGÜÍSTICOS

Como fatores extralingüísticos temos: a variável sexo, a variável escolaridade, a variável idade e a variável social e geográfica. Em outro momento do trabalho far-se-á uma comparação com a análise feita por Loregian (1996). Cada uma delas merecerá atenção daqui para a frente.

⁵ Os fatores lingüísticos analisados serão: a) o paralelismo formal; b) a explicitação do pronome; c) a interação emissor/receptor; d) a tonicidade do verbo; e) o número de sílabas do verbo; f) o contexto fonológico seguinte; g) e a saliência fônica.

2.1.2.1 Fatores sociais e geográficos

Não há dúvida de que o nível social a que pertence uma pessoa influencia o seu modo de falar. Os fatores sociais, os diastráticos, compreendem: a classe social, a idade, o sexo e a situação ou contexto social (registro). Já os fatores geográficos compreendem as diferenças lingüísticas distribuídas no espaço físico observáveis em falantes de origens geográficas diferentes, como já foram explicados anteriormente.

A sociedade privilegia a forma culta e isso faz com que muitos falantes sintam vergonha de seu modo de falar. Além disso, o espaço geográfico em que o falante se encontra também diferencia o que é prestígio e o que não é. Para Bagno (2001a, p. 42), as diferenças na fala dos brasileiros cultos apresentam variações entre si. Um brasileiro culto nascido e criado em um lugar e um outro brasileiro culto nascido e criado em um lugar diferente do primeiro vão ter, claro, diferenças no linguajar.

As características próprias de cada lugar interferem naquilo que é considerado culto, mesmo porque as diferenças existem e temos de saber distingui-las também no nível da linguagem. Segundo Camacho (*apud* Mussalim e Bentes, 2001, p.58),

Como é verdadeiro que o domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais. Dessa tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma mesma comunidade resulta a variação geográfica. Outra razão reside no fato de que os indivíduos nativos de determinado setor geográfico orientam-se para um centro cultural, política e economicamente polarizador. Constitui-se, assim, uma comunidade lingüística geograficamente restrita, inserida no interior de uma mais extensa e abrangente. Mediante a atração geográfica e a contigüidade física é que se desenvolve um comportamento cultural específico que identifica os membros de uma comunidade e os distingue dos membros de outras.

Essas diferenças lingüísticas acontecem por uma série de fatores, sejam eles de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, escolarização, de idade e sexo, profissional, entre outros, que podem ser analisados isoladamente ou combinados entre si.

Um outro fato importante na questão social é o status profissional. As mudanças na fala ocorrem nas diferentes situações em que o falante se encontra. As pessoas usam determinadas formas pronominais em situações em que o interlocutor possui um status elevado e outras formas com interlocutores da classe baixa, sem nenhum status profissional, mesmo que este seja uma pessoa mais velha. O que se percebe, no entanto, é que essa diferença pode ter outros fatores condicionantes, tais como: a classe social, o status profissional etc. Mas estes itens não serão abordados neste trabalho.

2.1.2.2 O fator sexo

As diferenças lingüísticas entre homens e mulheres estão no plano lexical. Nada tem relação com o tom de voz de ambos, já que isso não é de interesse da Sociolingüística. O que se vê, é que há certos tipos de variação que são determinados pelo fator sexo. A sociedade aceita melhor algumas sentenças ditas somente por homens ou mulheres. O que interessa, realmente, para a Sociolingüística, é determinar a influência da variável sexo na variação e mudança da língua.

As mulheres acabam privilegiando as formas lingüísticas de prestígio. Ou seja, as mulheres estão mais propensas ao uso da forma considerada padrão que os homens. Além disso, as mulheres tendem a falar mais que os homens, o que pode, também, causar diferenças na análise.

Segundo Paiva (1992, p. 71),

os fenômenos de mudança lingüística podem ser classificados em mudanças em direção a uma forma prestigiada ou em mudanças em direção a uma forma não prestigiada. A partir desta distinção, é possível definir com maior precisão o papel da variável sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Quando, ao contrário, se trata da implementação de uma forma desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a ponta do processo de mudança. Esta tendência, bastante consistente, pode ser exemplificada pelo estudo de diversos fenômenos de mudança lingüística.

De tal modo, o fator sexo é, também, relevante para a Sociolingüística Quantitativa. Além disso, outros fatores como escolaridade, idade e classe social, por exemplo, podem interagir com o fator sexo, já que as mulheres, até há pouco tempo, eram consideradas inferiores ao sexo masculino, e isso modifica muito a análise dos dados de uma pesquisa.

2.1.2.3 Fator escolaridade

O fator escolaridade tende a ser muito observado nesse tipo de pesquisa. Aqueles que têm nível alto de escolaridade são considerados com prestígio e os que não têm são considerados menos nobres. Entra aqui o conceito da variante estigmatizada. Há, portanto, uma relação entre a escolaridade e a variante padrão, que é mais conservadora e goza de prestígio na sociedade. Na verdade, os professores ensinam a seus alunos aquela gramática tradicional, considerada melhor que a língua que o falante já conhece e utiliza. Os professores de Língua Portuguesa ensinam o aluno a descrever, prescrever e legitimar essa forma de melhor prestígio, sendo que o que deveria ser feito, realmente, era todos os professores oferecerem contextos para que o aluno aprenda a dominar as formas consideradas de prestígio. As próprias gramáticas discriminam o linguajar “despreocupado” das pessoas que não utilizam a linguagem padrão, tratando-as como ignorantes. Sendo assim, o nível de

escolaridade é diretamente proporcional ao nível da classe social: quando mais escolarizado mais alto na escala social o falante está.

De acordo com Votre (*apud* Mollica, 1992, p. 77),

o esforço concentrado da escola verifica-se no culto e nas estratégias de domínio da língua escrita. Parte apreciável das atividades pedagógicas consiste precisamente em ler e escrever, e quase nenhuma ênfase é dada às atividades de ouvir. A própria fala acaba relegada a poucas oportunidades de relato de experiências, sem que os parâmetros gramaticais e discursivos sejam cobrados de forma sistemática. A fala representa um discurso próximo do espontâneo e não-planejado, enquanto a escrita escolar é sempre objeto de cuidadoso planejamento.

A língua escrita, por ser mais conservadora, está menos sujeita à variação. a escola tem como objetivo, então, dominar a língua escrita e estender seu sistema para a oralidade.

3 METODOLOGIA

Esta parte do trabalho trata dos processos metodológicos adotados na análise dos dados, na qual descreve-se a amostra coletada de textos orais dos informantes de Tubarão (SC).

A escolha da cidade de Tubarão deu-se, além de ser um motivo pessoal, pelo fato desta pesquisa fazer parte dos estudos desenvolvidos e trabalhados pelo *Grupo de Análise do Discurso, Pesquisa e Ensino (GADIPE)*, do programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Unisul. A metodologia laboviana, que tem o propósito de coletar amostras reais de fala a partir de uma seleção de informantes separados por sexo, idade, escolaridade e etnia, ajudou muito na coleta de dados deste projeto.

Em ambos os *corpus*, pretendemos descrever o uso da flexão verbal na segunda pessoa do singular.

3.1 AMOSTRA

Como já apresentamos, a amostra de dados deste trabalho conta com a natureza oral (informantes de Tubarão).

3.1.1 TEXTOS ORAIS DE INFORMANTES DE TUBARÃO (SC)

Para esta pesquisa serão analisados 6 informantes, sendo que cada informante gravou uma hora de conversa, totalizando cerca de 320 minutos ou 6 horas. A seleção dos informantes tomou como critério fatores de natureza não-lingüística: sexo e escolaridade, conforme quadro 1, abaixo:

QUADRO 1 – Quadro dos informantes analisados em Tubarão (SC)

Código das entrevistas	Número de informantes analisados	Código das entrevistas	Número de informantes analisados	Código das entrevistas	Número de informantes analisados
FAPRI ⁶	1	FAGIN	1	FACOL	1
MAPRI	1	MAGIN	1	MACOL	1

No quadro 1, acima, distribuimos seis (6) informantes, com controle das variáveis sociais, sendo três (3) deles do sexo feminino e três (3) do sexo masculino. A faixa etária escolhida foi A (de 25 a 49 anos) somente, sendo que a faixa etária B (acima de 50 anos), não foi controlada neste trabalho por falta de entrevistas coletadas. O controle da escolaridade

⁶ **FAPRI** e **MBCOL**: **F** (Feminino)/**M** (Masculino); **A** (25-49 anos)/**B** (acima de 50 anos); **PRI** (Primário)/**GIN** (Ginásio); **COL** (Colegial).

obedeceu a três critérios: curso primário completo (PRI), curso ginásial completo (GIN) e curso colegial completo (COL).

No quadro 2, abaixo, apresentaremos o total de dados analisados:

QUADRO 2 – Distribuição da amostra das flexões verbais nos textos orais dos informantes de Tubarão (SC)

1. Flexão verbal de 2ª. pessoa do singular com o uso de TU, conforme a Gramática Tradicional (Ex.: Tu <i>foste</i>)					
TU		AUSÊNCIA de forma pronominal			
4	Forma pronominal inferida pelo contexto		Forma pronominal não-inferida pelo contexto		
	1		-		
2. Flexão verbal de 2ª. pessoa do singular com o uso de TU, diferente da prescrição da Gramática Tradicional (Ex.: Tu <i>fosse</i>)					
TU		AUSÊNCIA de forma pronominal			
2	Forma pronominal inferida pelo contexto		Forma pronominal não-inferida pelo contexto		
	1		-		
3. Flexão verbal de 3ª. pessoa do singular com o uso de TU/VOCE /O(a) SENHOR (a). (Ex.: /Tu/Você/O(a) <i>senhor(a) foi</i>)					
TU	VOCE	O(a) SENHOR(a)	AUSÊNCIA de forma pronominal		ALTERNÂNCIA de forma pronominal
98	12	-	Forma pronominal inferida pelo contexto	Forma pronominal não-inferida pelo contexto	-
			24	-	
TOTAL GERAL DA AMOSTRA: 142 dados					

Conforme o quadro 2, acima, estão distribuídos os 142 dados de flexão verbal de 2ª pessoa do singular analisados na pesquisa. Sua distribuição obedece a três critérios: o verbo flexionado na segunda pessoa do singular de acordo com a Gramática Tradicional (Tu *foste*, por exemplo) com 5 dados; o verbo flexionado na segunda pessoa do singular diferente da prescrição da Gramática Tradicional (Tu *fosse*, por exemplo) com 3 dados; e Flexão verbal de 3ª pessoa do singular com o uso de TU/VOCE /O(a) SENHOR (a) (Ex.: /Tu/Você/O(a) *senhor(a) foi*) com 134 dados.

3.1.1.1 Descrição das variáveis

Nesta seção, vamos descrever os grupos de fatores controlados, exemplificá-los e apresentar nossas expectativas de contribuição de cada um na análise. Como *variável dependente*, tomamos a flexão variável do verbo designativo de segunda pessoa do singular, tanto com o pronome *tu* – aceito pela gramática tradicional – quanto com o *você*.

Num primeiro momento, para o estudo desta variável foram controlados 11 grupos de fatores: 9 de natureza lingüística e 2 de natureza não-lingüística. Vejamos, então, a disposição de cada um deles a seguir:

QUADRO 3 – Grupo de fatores analisados na amostra oral de Tubarão (SC)

Grupo de fatores controlados (Lingüísticos e Extralingüísticos)	
Lingüísticos	
1	Natureza da forma pronominal de 2ª pessoa do singular
2	Paralelismo formal
3	Interação emissor/receptor
4	Explicitação do pronome
5	Tempo verbal
6	Saliência fônica
7	Tonicidade do verbo
8	Número de sílabas do verbo
9	Contexto fonológico seguinte
Extralingüísticos	
10	Sexo
11	Escolaridade

Na próxima subseção, a descrição, exemplificação e expectativas de contribuição de tais variáveis (grupos de fatores).

3.1.1.1.1 Grupo de fatores “Natureza da forma pronominal de 2ª pessoa do singular”

Estamos determinando como formas pronominais de 2ª pessoa do discurso os fatores *tu*, *você*, *o(a) senhor(a)* e a ausência de formas pronominais. A natureza pragmática de

cada uma dessas formas pronominais é dada segundo a situação comunicativa em que estão inseridas. As formas pronominais foram observadas no enunciado como um todo. Enunciados com flexão verbal concordando com a forma pronominal *tu*, mesmo com o sujeito sintático não-preenchido, como em (28) e (37)⁷, também foram computados como dados que caracterizam que o falante emprega a forma *tu* na sua fala.

(28) Não, não. Eu sou feliz com o que eu tenho, ENTENDEU? Eu sou feliz com essa casa onde eu moro.

(37) É. Ai já não iria dar certo. JÁ IMAGINOU eu assim, com uma turminha de criança dando aula? Decididamente não.

Foram estes os dados controlados:

- Ausência de marca pronominal. Exemplo (28)
- Presença de TU. Exemplo (5)
- Presença de VOCÊ. Exemplo (42)
- Presença de O SENHOR/A SENHORA. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)
- Mistura de formas pronominais. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)

(28) Não, não. Eu sou feliz com o que eu tenho, ENTENDEU? Eu sou feliz com essa casa onde eu moro.

(5) Não sei se TU CONHECEU a Marinês. TU NÃO CONHECEU, é lá da casa, do tempo da casa da louça que tinha aqui no centro. A gente fez a primeira comunhão junto, né.

⁷ Estes números correspondem ao número colocado na coleta dos dados orais dos informantes que estão em anexo no fim do trabalho.

- (42) Ele é ridículo né, mas será que o noss... Será que o país tem como suportar um salário maior? Aí VOCÊ PENSA... eu acho que não, pois será que se acabasse um pouquinho com essa roubalheira da previdência não sobrava um dinheirinho?

Esperamos que o uso do pronome TU seja mais evidente, mas menos marcado em sua flexão verbal. O uso de VOCÊ e O SENHOR/A SENHORA são menos recorrentes

3.1.1.1.2 Grupo de fatores “Paralelismo formal”

Este grupo de fatores corresponde a um princípio que verifica se é uma tendência as marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros, ou uma tendência leva a outra. Os itens levantados para esta amostra são:

- Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)
 - Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância. Exemplo
(1)
 - Primeiro de uma série. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)
 - Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)
 - Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise não é marcado. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)
- (1) Não me falta nada, TU SABE que simplicidade não falta nada, TU ENTENDE, né? Eu não tenho, como eu te falei já, os três filhos, né? O que eu recebi de meus pais, eu passo para eles que é tudo. Acho que o que é importante é o respeito, porque aí TU RESPEITA, aí TU É respeitada sempre, né?

Nossa expectativa da contribuição desse grupo de fatores é que verbos marcados tendem a marcar os outros verbos e vice-versa.

3.1.1.1.3 Grupo de fatores “Interação emissor/receptor”

Este grupo de fatores analisa o uso da colocação pronominal, bem como a concordância destes pronomes, conforme a interação do emissor para com o receptor. Ou seja, se o falante conhece o receptor, a concordância verbal e o uso de certos pronomes serão diferentes daqueles usados quando este mesmo falante não conhecer seu interlocutor. Neste grupo de fatores analisaremos os seguintes dados:

- Dirigindo-se ao entrevistador. Exemplo (46)
- Repetindo a fala de outra pessoa. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)
- Dirigindo-se a um interveniente. Exemplo (54)
- Dirigindo-se a um interlocutor genérico. Exemplo (7)
- Função fática. Exemplo (1)

(46) TU VÊ um moço assim, com a cabeça, né, feita.

(54) “Velha, TA(I)S boa?”

(7) Eu faço tudo, enfim, a Deus, porque eu acho que TU, no levantar, TU SABE que existe um ser que está cuidando de ti, né?

(1) Não me falta nada, tu sabe que simplicidade não falta nada, TU ENTENDE, né?

Nossa expectativa é que quando o entrevistado fala com um entrevistador que ele já conhece, sua concordância será menos marcada, ou seja, sua preocupação em marcar

corretamente o verbo, quando este é usado com o pronome tu, por exemplo, será menor que a usada com um entrevistador com o qual ele não tem intimidade.

3.1.1.1.4 Grupo de fatores “Explicitação do pronome”

Este grupo de fatores trabalha com a possibilidade de o falante usar ou não o pronome, ou ainda colocá-lo com materiais intervenientes, a fim de ser menos observado em sua enunciação. Neste grupo de fatores analisaremos os seguintes dados:

- Pronome explícito imediatamente antes do verbo. Exemplo (19)
- Pronome explícito com material interveniente. Exemplo (50)
- Sem pronome explícito. Exemplo (17)

(19) Ah, eu ó. Eu li agora na Veja, não a última, que a última eu nem vi ainda, mas eu tive uma reportagem curtinha, de uma página só, uma mulher tinha um amante. Não sei se TU CHEGOU a ler, e eles tiveram uma noite de amor meio intensa e ela apareceu em casa com uns hematomas e alguma coisa...

(50) Mas era bom. Era divertido, porque TU NÃO VIA um bolinho o ano inteiro, TU NÃO VIA refrigerante, era só naquele dia, ...

(17) Então tu paga um, PAGA um assim, um come, um na casa, pra apartamento pra ti, alguma coisinha assim, uns quatro amigos, aí tu vai embora, porque não adianta, aí começava a cada vez que eu chegava em casa era a briga ...

Nossa expectativa da contribuição desse grupo de fatores, na flexão verbal de 2^a pessoa do singular, é pautada no caso em que quando o pronome não é explícito ou quando é explícito com material interveniente, o falante tende a marcar mais, a fim de destacar o próprio pronome, sem explicitá-lo.

3.1.1.1.5 Grupo de fatores “Tempo verbal”

Neste grupo de fator será analisado de que forma o tempo verbal marca a concordância. Serão analisados estes itens:

- Presente do indicativo. Exemplo (10)
- Pretérito perfeito do indicativo. Exemplo (23)
- Pretérito imperfeito do indicativo. Exemplo (50)
- Presente do subjuntivo. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas)
- Pretérito imperfeito do subjuntivo. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas)
- Futuro do subjuntivo. Exemplo (14)
- Infinitivo pessoal. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas)

(10) É as duas coisas melhores, principalmente que é, é útil mesmo é o telefone e o carro, que tem crescido bastante, TU VÊ, saiu bastante telefones agora, né?

(23) A sensação é horrível, horrível. TU TE SENTE já assim só olhada, espiada... TU IMAGINA bem ser violentada?

(50) Mas era bom. Era divertido, porque TU NÃO VIA um bolinho o ano inteiro, TU NÃO VIA refrigerante, era só naquele dia...

(14) Eu não tenho nada, não tenho nada, TU QUER ir lá em casa pra olhar. Nós somos bem pobre. Nós não temos nada, TU QUISE namorar comigo, namora, isso não...

Nossa expectativa em relação a este grupo de fatores é que a flexão verbal influencia a marcação do verbo.

3.1.1.1.6 Grupo de fatores “Saliência fônica”

A saliência fônica trata do “grau de oposição fonética entre as formas dos verbos” (Loregian, 1996). Consideramos marcados alguns casos em que a marcação era diferente da marcação trazida pelas gramáticas tradicionais, ou seja, casos em que o indivíduo usou *falasse* ao invés de *falasses*, por exemplo. Sendo assim, são trabalhados neste grupo três fatores:

- Nível 1 – Acréscimo de –s. Exemplo (30)
- Nível 2 – Acréscimo de –es. (Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.)
- Nível 3 – Acréscimo de –ste/ –sse. Exemplo (72)

(30) Mas eu procuro sempre, sempre, sempre, jogar as coisas pra cima tá, nunca pra baixo. Não tem esse negócio de não vai dar certo tá. TU TENS que tentar antes de mais nada, tá?

(72) Aí então eu podia dizer pra ela, não, TU QUISESSE, TU VAI VIVER com ele assim mesmo, ...

Esperamos que as formas salientes mais perceptíveis tendem a ser mais marcadas, já que há um trabalho maior do falante.

3.1.1.1.7 Grupo de fatores “Tonicidade do verbo”

Este grupo de fator trabalha com a tonicidade do verbo como modificador da marcação verbal, o que verifica se a tonicidade deste verbo influencia o uso ou não de verbos marcados, ou seja, a não marcação é quando o pronome *tu* se combina com a forma verbal de 3ª pessoa do singular. Neste item temos dois casos:

- Oxítonos. Exemplo (103)
- Paroxítonos. Exemplo (17)

(103) “Velha, TA(I)S boa?” Estou, (risos)...

(17) Então TU PAGA um, PAGA um assim, um come, um na casa, pra apartamento pra ti, alguma coisinha assim, uns quatro amigos, aí tu vai embora, porque não adianta, aí começava a cada vez que eu chegava em casa era a briga...

Nossa expectativa é que os verbos oxítonos, por terem o acento na sílaba que receberá a flexão que marca a segunda pessoa, são mais marcados que os paroxítonos.

3.1.1.1.8 Grupo de fatores “Número de sílabas do verbo”

Este grupo de fator tem o número de sílabas de um verbo como fator importante na marcação ou não deste verbo, quando este aparece na segunda pessoa do singular. Este item analisa os verbos:

- monossílabos. Exemplo (47)
- dissílabos. Exemplo (86)
- trissílabos. Exemplo (102)
- polissílabos. Exemplo (61)

(47) O científico era bem melhor, porque ele dizia assim: “Pai, lá, TU VÊ, todo pessoal, meus amigos que fizeram vestibular até hoje, ninguém passou. E, os que fizeram no CIP, meus amigos do CIP estão passando tudo no vestibular e estudaram no CIP. E pára de ficar aí gastando, se a mãe fica aí...” Porque todo ano eu tinha que ir lá pechinchar uma bolsa, uma ajuda, porque né, a Andresa, lá nas Baianas, te lembra, TU TAMBÉM ESTUDOU, e a gente..., lá a gente ia pechinchar também, né, Jô.

(86) Arrebentou ali, ah, TU NÃO SABE ali onde é? TU SABE onde é o Beco do Simão?

(102) Eles te vendiam na caderneta, aí TU PODIA, tu sendo bom, TU PAGAVA um mês, FICAVA devendo outro ou PAGAVA só um pouco daquele, já BOTAVA o resto em cima daquele que TU FEZ e assim ia, né?

(61) Mas eu votei, eu votei nele, ENTENDESSE? E aí o Biru olha para ele e diz assim: “Esse filho da mãe, (risos) está querendo acabar..., né, porque está perto de se aposentar, eles trocam toda hora, todo instante, né.

Nossa expectativa é que os verbos com mais sílabas venham mais marcados que os outros verbos, já que são mais perceptíveis que os outros.

3.1.1.1.9 Grupo de fatores “Contexto fonológico seguinte”

Este grupo de fatores verifica se o contexto que vem logo depois do verbo pode influenciar a flexão do verbo que acompanha o pronome de segunda pessoa do singular. Neste grupo analisaremos três casos:

- pausa. Exemplo (38)
- consoante. Exemplo (11)
- vogal. Exemplo (6)

(38) Nós temos médicos, nós temos cestas básicas, nós temos refeitório, uma comida muito boa, e eu almoço lá quase todos os dias e eu almoço junto com eles, não tem discriminação nenhuma, o que eles comem eu com, é TU VÊ.

(11) Aí tem vez que eu ia pra casa, a mãe dizia: Não, tu não vem em casa que não tem nada pra comer, tu, aí TU FICA por lá. Aí se tu tra(y)s, se tu arrumar alguma coisinha tu vem. Aí ela, aí ela, e assim não tu, tudo bem. Mas vou ver se o consigo. Aí o, se o pai? Ah, o pai, o teu pai não chegou ainda, ele foi receber, nas não sei ainda. Aí já era de manhã cedo. Já é quase meio dia. Não chegou ainda. Aí tu, TU NÃO TEM nada. Se TU QUISEER comer, aí tu, tu come senão...

(6) Porque adolescência é dos quatorze aos dezoito, né? TU PODE ir a uma discoteca, essas coisas, né? Nós não íamos, nós éramos assim, muito família.

Esperamos que os verbos que vêm seguidos de pausa sejam mais marcados que os outros tipos, pois o falante, por preocupar-se com o entrevistador e pela pausa deixar o verbo mais perceptível, marca mais que os outros.

3.1.1.1.10 Grupo de fatores “Sexo”

As diferenças lingüísticas entre homens e mulheres estão no plano lexical. O que se vê é que há certos tipos de variação que são determinadas pelo fator sexo e o que interessa, realmente, para a Sociolingüística, é determinar a influência da variável sexo na variação e mudança da língua.

As mulheres privilegiam as formas consideradas mais cultas pela sociedade, já que elas são mais conservadoras que os homens. Ou seja, as mulheres estão mais propensas ao uso da forma considerada padrão, mais prestigiada, que os homens. Além disso, as mulheres tendem a falar mais que os homens, o que pode, também, causar diferenças na análise.

Segundo Paiva (1992, p. 71),

os fenômenos de mudança lingüística podem ser classificados em mudanças em direção a uma forma prestigiada ou em mudanças em direção a uma forma não prestigiada. A partir desta distinção, é possível definir com maior precisão o papel da variável sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Quando, ao contrário, se trata da implementação de uma forma desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a ponta do processo de mudança. Esta tendência, bastante consistente, pode ser exemplificada pelo estudo de diversos fenômenos de mudança lingüística.

De tal modo, o fator sexo é muito relevante para a Sociolingüística Quantitativa. E, em uma análise descritiva, este fator pode contribuir, e muito, para uma pesquisa mais cientificamente comprovada. Outros fatores como escolaridade, idade e classe social, por exemplo, podem interagir com o fator sexo, já que as mulheres, até há pouco tempo, eram consideradas participantes de uma classe obediente e dependente, o que modifica muito a análise dos dados de uma pesquisa.

3.1.1.1.11 Grupo de fatores “Escolaridade”

O fator escolaridade tende a ser muito observado nesse tipo de pesquisa, pois aqueles que têm nível alto de escolaridade são prestigiados e os que não têm não são. Entra aqui o conceito da variante estigmatizada, já que há uma relação muito forte entre a escolaridade e o nível social a que pertence um indivíduo, pois quanto mais escolarizado for um falante, mais alto na escala social ele fica. Na verdade, os professores ensinam a seus alunos aquela gramática tradicional, considerada melhor que a língua que o falante já conhece e utiliza, porque a variante padrão, que é mais conservadora, tem mais aceitação na sociedade do que a que o falante já tem. Os professores de Língua Portuguesa ensinam o aluno a descrever, prescrever e legitimar essa forma de melhor prestígio, sendo que o que deveria ser feito, realmente, era todos os professores oferecerem contextos para que o aluno aprenda a dominar as formas consideradas de prestígio. As próprias gramáticas, discriminam o linguajar “despreocupado” das pessoas que não utilizam a linguagem padrão, tratando-as como ignorantes.

De acordo com Votre (1992, p. 77),

o esforço concentrado da escola verifica-se no culto e nas estratégias de domínio da língua escrita. Parte apreciável das atividades pedagógicas consiste precisamente em ler e escrever, e quase nenhuma ênfase é dada às atividades de ouvir. A própria fala acaba relegada a poucas oportunidades de relato de experiências, sem que os parâmetros gramaticais e discursivos sejam cobrados de forma sistemática. A fala representa um discurso próximo do espontâneo e não-planejado, enquanto a escrita escolar é sempre objeto de cuidadoso planejamento.

A língua escrita é mais conservadora e por isso está menos sujeita à variação. A escola tem como objetivo dominar a língua escrita e estender o seu sistema para a oralidade. Mas isso ainda está distante dos exercícios trabalhados em sala de aula.

3.1.1.1.12 *Dados excluídos*

Esta etapa do trabalho surgiu pois alguns dados analisados no trabalho não se enquadravam em nenhum grupo de fator analisado, já que não haveria possibilidade de classificação, seja por falta de informação ou por interferência de alguma informação no dado analisado, podendo prejudicar, assim, o resultado da pesquisa. Loregian (1996), em seu trabalho, também excluiu alguns dados que pudessem prejudicar sua pesquisa, ou seja, dados que pudessem modificar o resultado da pesquisa, o que serviu de exemplo para este trabalho.

Foram excluídos dois dados desta pesquisa:

1) Contextos neutralizados:

“Eles te vendiam na caderneta, aí tu podia, tu sendo bom, tu pagava um mês, ficava devendo outro ou **PAGAVA SÓ** um pouco daquele, já botava o resto em cima daquele que tu fez e assim ia, né?”

2) Contextos e verbos no gerúndio:

“Eles te vendiam na caderneta, aí tu podia, **TU SENDO** bom, tu pagava um mês, ficava devendo outro ou pagava só um pouco daquele, já botava o resto em cima daquele que tu fez e assim ia, né?”

Estes dados poderiam prejudicar a análise e, assim, não puderam ser classificados.

3.2 QUESTÕES E HIPÓTESES

A partir dos resultados conseguidos por Loregian (1996), foi possível obter as seguintes questões e hipóteses para este trabalho:

Questão 1: Qual o comportamento da flexão verbal de segunda pessoa do singular em textos orais de falantes de Tubarão?

Hipótese 1: Nossa hipótese é de que falantes que usam o pronome *tu* podem combiná-la à forma verbal de 2ª pessoa do singular ou 3ª pessoa do singular. Por exemplo: *tu foi*, *tu foste* ou *tu fosse*. Os falantes que usarem *você* usam somente a forma verbal para terceira pessoa do singular: *você foi*, por exemplo.

Questão 2: Qual forma pronominal é mais usada?

Hipótese 2: Por se tratar de uma região situada no sul do Brasil, a tendência é o uso da forma pronominal *tu*. O uso da forma *você* pode ser identificada apenas em falantes mais jovens, já que estes tendem a usar mais esta variante.

Questão 3: No caso do uso da variante *tu*, o nível de escolaridade do falante pode influenciar a marcação da flexão verbal?

Hipótese 3: O nível de escolaridade pode influenciar na marcação da flexão verbal, já que a “escola” tende a ensinar a forma gramatical em que a 2ª pessoa do singular não se combina com a forma verbal de 3ª pessoa do singular.

Questão 4: O tempo verbal em que se encontra o verbo influencia a concordância com o pronome?

Hipótese 4: O pronome *tu* pode ser mais usado conforme o tempo verbal utilizado. Se o verbo exige uma concordância mais marcada, a tendência é que se use um pronome marcado.

Questão 5: Verbos que têm um acréscimo de –es têm mais chances de virem marcados quando usados com o pronome de segunda pessoa do singular?

Hipótese 5: Acreditamos que sim, pois há um acréscimo maior ao verbo o que faz com que o falante se preocupe mais em fazer esta concordância.

Questão 6: A variável sexo influencia a marcação de concordância pronominal no verbo?

Hipótese 6: As mulheres, por serem mais preocupadas com as normas, já que são mais conservadoras que os homens, tendem a marcar a concordância verbal mais que eles. Acredita-se, então, que as mulheres marcarão mais.

Questão 7: O número de sílabas dos verbos influenciam a marcação de concordância do verbo?

Hipótese 7: Verbos mais longos foneticamente são mais perceptíveis para os falantes.

Questão 8: A tonicidade do verbo influencia a marcação de concordância?

Hipótese 8: A tendência é que os verbos oxítonos, por terem acento na sílaba que receberá a flexão, apresentem maior marcação de concordância.

Questão 9: O falante entrevistado, quando não conhece o entrevistador, tende a aplicar mais a concordância verbal?

Hipótese 9: Na nossa opinião sim, pois o falante preocupa-se em dizer bem e marcar mais que o normal, já que o grau de reflexão é maior pois há uma tentativa de aproximação da norma culta.

Questão 10: Se houver pausa após o verbo a marcação de concordância é maior?

Hipótese 10: Sendo que a pausa deixa o verbo mais perceptível, o falante tende a marcar mais a concordância que em outro contexto.

Algumas destas hipóteses foram baseadas no estudo de Loregian (1996) como dito anteriormente. Outras hipóteses, no entanto, surgiram a partir de dados observados nas entrevistas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS DOS TEXTOS ORAIS

Este estudo trabalhará com os mesmos grupos de fatores lingüísticos considerados por Loregian (1996), já que há a intenção de comparar os dados, verificando se o uso da concordância verbal com o pronome *tu*, na região de Tubarão (SC), apresenta-se com as mesmas características das regiões de Porto Alegre e Florianópolis, alvos da pesquisa de Loregian.

4.1.1 VARIÁVEL LINGÜÍSTICA DEPENDENTE

Nossa variável dependente é a concordância verbal com o pronome de 2ª pessoa do singular. E como variantes dependentes temos:

- 1) Presença de flexão de segunda pessoa no verbo. Exemplo:

“**TU TENS** que tentar antes de mais nada, tá?”

2) Ausência de flexão se segunda pessoa no verbo. Exemplo:

“... porque **TU NÃO VIA** um bolinho o ano inteiro, **TU NÃO VIA** refrigerante...”

4.1.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS INDEPENDENTES

4.1.2.1 Natureza da forma pronominal de 2ª pessoa do singular

Esta variável analisa a forma pronominal de segunda pessoa mais utilizada pelos falantes da região de Tubarão (SC). Estamos determinando como formas pronominais de 2ª pessoa do discurso os fatores *tu*, *você*, *o(a) senhor(a)* e a ausência de formas pronominais.

Foram estes os dados controlados:

a) Ausência de marca pronominal:

(28) Não, não. Eu sou feliz com o que eu tenho, **ENTENDEU?** Eu sou feliz com essa casa onde eu moro.

b) Presença de TU:

(7) Hoje eu estou fora da religião do meu pai. Estou fora, né. Eu creio muito em Deus, creio em Deus, creio mesmo. Eu faço tudo, enfim, a Deus, porque eu acho que TU, no levantar, **TU SABE** que existe um ser que está cuidando de ti, né? Tudo o que **TU FA(Í)S** é em função dele.

c) Presença de VOCÊ:

(43) Hoje acontece o seguinte, como a empresa não tinha um plano de cargo de salário, **VOCÊ TINHA** funcionários que produzia pouco e ganhava muito, e esse plano de cargo eu que trouxe para a empresa.

d) Presença de O SENHOR/A SENHORA:

Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.

e) Mistura de formas pronominais:

Não houve ocorrência nas entrevistas analisadas.

TABELA 1 – NATUREZA DA FORMA PRONOMINAL DE 2ª PESSOA DO SINGULAR EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Ausência de marca pronominal	26/142	18%
Presença de TU	104/142	73%
Presença de VOCÊ	12/142	8%
Presença de O SENHOR/A SENHORA	0/142	0%
Mistura de formas pronominais	0/142	0%
TOTAL	142/142	100%

Este grupo de fator se mostrou significativo no que diz respeito à natureza da forma pronominal de 2ª pessoa do singular, já que nossa hipótese foi comprovada. O pronome TU é mais usado que os outros casos, totalizando um percentual de 73%. O que ocorre também, é que mesmo utilizando este tipo de pronome de segunda pessoa do singular, os falantes não marcam a flexão verbal, ou seja, é mais fácil encontrarmos casos de *tu foi*, por

exemplo, que *tu foste*. Já o uso de *você* foi um pouco mais recorrente que o uso de *o senhor/a senhora*, que não chegaram a aparecer nas entrevistas analisadas.

A ausência de marcas pronominais foi recuperada pelo contexto e totalizou um percentual de 18% dos casos. Isso também foi significativo, já que os falantes, mesmo utilizando o pronome *tu*, quando não falam o pronome, usam a mesma marcação de verbo utilizada em outras frases em que o pronome era visível.

4.1.2.2 Paralelismo formal

Esta variável corresponde a um princípio que mostra se é uma tendência as marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros, e vice-versa. Cada vez mais a economia lingüística vem sendo usada pelos falantes e a concordância, em geral, sofre esse tipo de fator. Alguns itens que Loregian (1996) pôde verificar em sua dissertação não apareceram neste trabalho, já que para esta pesquisa não foi usado o mesmo número de entrevistas.

- a) Verbo de uma seqüência apresentando marcas de concordância com o pronome de 2ª pessoa do singular *tu*:

Não apareceu nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

- b) Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância com *tu*:

“Eles te vendiam na caderneta, aí **TU PODIA**, tu sendo bom, **TU PAGAVA** um mês, \emptyset **FICAVA** devendo outro o \emptyset **PAGAVA** só um pouco daquele, já \emptyset **BOTAVA** o resto em cima daquele que **TU FE(I)Z** e assim ia, né.”

- c) Primeiro verbo de uma série:

Não apareceu nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

d) Verbo em construção isolada:

“TU IMAGINA bem ser violentada?”

e) Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado:

“aí então eu podia dizer pra ela, não, TU QUISESSES, TU VAI VIVER com ele assim mesmo,...”

f) Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado:

Não apareceu nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

TABELA 2 – PARALELISMO FORMAL NO NÍVEL DISCURSIVO EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância	0/0	0%
Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância	20/20	100%
Verbo em construção isolada	0/0	0%
Primeiro de uma série	7/87	8%
Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado	1/1	100%
Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado	0/0	0%
TOTAL	8/108	7%

Este grupo de fator se mostrou significativo no que diz respeito à marcação de concordância verbal com pronome de 2^a pessoa, visto que o percentual total desse tipo de concordância atingiu 7% dos verbos. Um outro fator significativo foi que a maioria dos

verbos sem marcas foi com verbos de uma seqüência, ou seja, dos 20 casos que apareceram nenhum veio marcado, totalizando 100%, sendo que nenhum dos casos de concordância verbal com o pronome de 2ª pessoa foi marcado.

Segundo a tabela 2, observamos, também, que o informante que não marca o primeiro verbo, tende a não marcar também o segundo. Porém, o falante pode marcar o primeiro verbo, mas não marcar o segundo, como ocorreu em um caso encontrado nas entrevistas, o que totalizou 100%. Isso prova que as pessoas que começam uma frase usando verbos não marcados tendem a não marcar todos os demais, mas ao contrário isto não acontece.

TABELA 3 – RESULTADOS COMPARADOS: PARALELISMO FORMAL NO NÍVEL DISCURSIVO

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância	91%	0%
Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância	6%	100%
Verbo em construção isolada	38%	0%
Primeiro de uma série	29%	8%
Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado	38%	100%
Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado	17%	0%
TOTAL	31%	7%

Comparando os resultados obtidos, percebemos que os percentuais se diferem muito no que se refere ao paralelismo formal. Na pesquisa de Loregian (1996), o nível de ocorrência de marcação de concordância verbal de 2ª pessoa do singular foi muito alto na seqüência com todas as marcas de concordância, já que nas entrevistas analisadas para este trabalho não ocorreu nenhum caso. Um outro fato relevante é que, mesmo com poucas ocorrências nas entrevistas analisadas para esta pesquisa, o número de casos em que houve

mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado ocorreu em 100% dos casos, e na pesquisa de Loregian em apenas 38%.

4.1.2.3 Interação emissor/receptor

Neste caso, observamos a importância da relação emissor/receptor, já que o modo como o entrevistador trata o entrevistado pode modificar os dados de uma pesquisa. Se eles tiverem mais intimidade, o diálogo pode vir sem marcações de concordância. Observamos os seguintes casos:

- a) O falante dirige-se ao entrevistador:

“É, **TU PODE** notar e...”

- b) O falante dirige-se ao um interveniente: (O interveniente pode ser para qualquer pessoa que venha a aparecer durante a entrevista.)

Não houve nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

- c) O falante repete a fala de outra pessoa:

“Velha, **TA(Í)S** boa?”

- d) O falante dirige-se a um interlocutor genérico:

“... porque eu acho que **TU NO LEVANTAR, TU SABE** que existe.”

- e) Função fática:

“Não falta nada, **TU ENTENDE**, né?”

TABELA 4 - INTERAÇÃO EMISSOR/RECEPTOR EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Dirigindo-se ao entrevistador	0/223	0%
Repetindo a fala de outra pessoa	1/23	4%
Dirigindo-se a um interveniente	0/0	0%
Dirigindo-se a um interlocutor genérico	6/77	7%
Função fática	1/7	14%
TOTAL	8/129	6%

Percebe-se, através desta tabela 4, que, nos dados destes informantes, este grupo de fatores foi significativo para a marcação de flexão verbal de segunda pessoa, já que em 7% dos casos em que o entrevistado estava dirigindo-se a um interlocutor genérico, ocorreu a marcação, um número alto em relação aos outros casos. Quando este entrevistado fala com outra pessoa, um interveniente, este sub-fator não pode ser considerado, já que se não se tem nenhuma ocorrência, bem como quando o entrevistado fala com o entrevistador. Quando ocorre a função fática, no entanto, este fator, apesar de ter aparecido em apenas 7 ocorrências, em uma delas houve a marcação da concordância do pronome de 2ª pessoa do singular, o que mostra que este fator foi significante para a pesquisa. Quando o falante repete a fala de outra pessoa, apesar de ter ocorrido em 23 casos, em somente 1 deles houve a concordância.

TABELA 5 – RESULTADOS COMPARADOS: INTERAÇÃO EMISSOR/RECEPTOR E USO DA 2ª PESSOA DO SINGULAR

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Dirigindo-se ao entrevistador	53%	0%
Repetindo a fala de outra pessoa	45%	4%
Dirigindo-se a um interveniente	38%	0%
Dirigindo-se a um interlocutor genérico	29%	7%
Função fática	19%	14%
TOTAL	31%	6%

Este fator comparado é muito significativo, já que os resultados são muito parecidos quando o falante usa a função fática. Percebe-se que a percentagem entre as pesquisas é muito parecida quanto a este item. Em relação aos outros itens, o número de casos em que houve a marcação de concordância verbal de 2ª pessoa do singular quando o falante dirige-se ao entrevistador é muito diferente, sendo que em nenhum dos casos analisados em Tubarão houve esta concordância, enquanto que na pesquisa analisada por Loregian ocorreu em 53% dos casos.

4.1.2.4 Explicitação do pronome

Este fator merece atenção, pois quando o pronome aparece imediatamente antes do verbo tende a ser mais marcado na concordância verbal. Quando este está longe do verbo, com algum material interveniente, tende a ser menos marcado, sendo que este material pode ser somente uma palavra ou até uma oração. A outra forma pode ser a do pronome implícito, que aparece, ou não, apenas no contexto da frase, precisando de maior atenção por parte do falante.

- a) Pronome explícito imediatamente antes do verbo:

“Não sei se **TU CHEGOU** a ler.”

- b) Pronome explícito com material interveniente: ∅

“Aí, quando tu tava na 3ª série, **TU JÁ TAVA** uma mocinha.”

- c) Sem pronome explícito:

“Então **TU PAGA** um, ∅ **PAGA** um assim...”

TABELA 6 – EXPLICITAÇÃO DO PRONOME TU EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Pronome explícito imediatamente antes do verbo	6/85	7%
Pronome explícito com material interveniente	0/19	0%
Sem pronome explícito	2/24	8%
TOTAL	8/142	5%

Essa variável se mostrou estatisticamente relevante, para esta análise. Como mostra a tabela 6, o pronome explícito imediatamente antes do verbo apareceu com 7% dos verbos marcados, sendo que sem o pronome explícito, a percentagem chegou a 8%. Dentre 24 casos apresentados sem o pronome explícito, 2 deles tinham a flexão verbal usada com a marca da segunda pessoa do singular. Com o pronome explícito, somente 6 possuíam a flexão do verbo com marca. O que podemos verificar aqui é que quando o pronome não está explícito há mais marcação que quando está explícito na frase, o que não é o esperado.

TABELA 7 – RESULTADOS COMPARADOS: EXPLICITAÇÃO DO PRONOME TU

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Pronome explícito imediatamente antes do verbo	23%	7%
Pronome explícito com material interveniente	21%	0%
Sem pronome explícito	48%	8%
TOTAL	31%	5%

A hipótese proposta por Loregian em sua pesquisa era de que verbos sem pronome explícito possuíam mais concordância verbal e essa hipótese também se confirmou em nossa pesquisa, já que o maior número de ocorrências ocorreu quando o pronome não estava explícito, totalizando 8% dos casos, ou seja, o maior percentual da tabela.

4.1.2.5 Tempo verbal

Este fator tem o objetivo de verificar se o tempo e modo do verbo influencia a concordância verbal com o pronome de segunda pessoa – *tu*.

- a) Presente do indicativo:

“**TU VÊ**, saiu bastante telefones.”

- b) Pretérito perfeito do indicativo:

“Não, aquilo ali acaba com a vida da pessoa, **TU JÁ IMAGINOU?**”

- c) Pretérito imperfeito do indicativo:

Não foi encontrada nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

- d) Presente do subjuntivo:

Não foi encontrada nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

- e) Pretérito imperfeito do subjuntivo:

Não foi encontrada nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

- f) Futuro do subjuntivo:

“...não temos nada, se **TU QUISER** namorar comigo...”

- g) Infinitivo pessoal:

Não foi encontrada nenhuma ocorrência nas entrevistas analisadas.

TABELA 8 – TEMPO VERBAL (MARCAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM TU) EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Presente do indicativo	7/80	8%
Pretérito perfeito do indicativo	0/27	0%
Pretérito imperfeito do indicativo	0/4	0%
Presente do subjuntivo	0/0	0%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	0/0	0%
Futuro do subjuntivo	0/5	0%
Infinitivo pessoal	0/0	0%
TOTAL	8/132	6%

A hipótese aqui é a de que o tempo em que se encontra o verbo influencia a flexão verbal com o pronome *tu*. O que a tabela 8 mostra é que das 80 ocorrências do tempo verbal presente do indicativo, 7 delas, um percentual de 8%, apareceram com a marca da segunda pessoa do singular, o que mostrou uma diferença somente em relação aos outros tempos verbais, pois mesmo que o maior número de ocorrências de marcação de concordância verbal de 2ª pessoa tenha ocorrido com este tempo verbal, ainda é pouco marcado para uma análise mais detalhada desta pesquisa.

O que vemos, então, é que os verbos não têm uma tendência de vir marcados com a concordância verbal de 2ª pessoa pelo tempo verbal que apresentam. O tempo presente do indicativo, apesar de ter maior número de ocorrência na fala dos tubaronenses, ainda é pouco marcado, já que somente 8% apareceram com marca.

TABELA 9 – RESULTADOS COMPARADOS: TEMPO VERBAL (MARCAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM TU)

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Presente do indicativo	29%	8%
Pretérito perfeito do indicativo	76%	0%
Pretérito imperfeito do indicativo	31%	0%

Presente do subjuntivo	7%	0%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	3%	0%
Futuro do subjuntivo	8%	0%
Infinitivo pessoal	1%	0%
TOTAL	31%	6%

Nesta tabela, percebemos que o tempo verbal do presente do indicativo vem mais marcado na região de Tubarão (SC), já que obteve 8% dos casos encontrados. Já na pesquisa de Loregian esse fator foi observado em somente 29% dos casos. O percentual maior encontrado por Loregian foi no uso do pretérito perfeito do indicativo, com 76% dos casos. Em Tubarão, no entanto, esse caso nem apareceu nas ocorrências.

4.1.2.6 Saliência fônica

A saliência fônica trata do “grau de oposição fonética entre as formas dos verbos” (Loregian, 1996). As formas com saliência fônica mais perceptível tendem a ser mais marcadas. Assim, são trabalhados três fatores:

- a) Nível 1 – Acréscimo de –s:

“**TU NEM LEMBRAS**, né?”

- b) Nível 2 – Acréscimo de –es:

“O que **TU FAZES** aqui é que tu..., né, é o que tu colhe , né?”

- c) Nível 3 – Acréscimo de –ste/ -sse:

“Se **TU CHEGASSE** e **FALASSE** com ele, ele falava...”

TABELA 10 – SALIÊNCIA FÔNICA EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Acréscimo de –s	5/8	62%
Acréscimo de –es	0/8	0%
Acréscimo de –ste/ –sse	0/8	0%
TOTAL	8/8	100%

Este grupo de fator se mostrou significativo para a marcação de segunda pessoa, visto que o percentual de acréscimo de –s foi mais marcado (62%) que os verbos que tinham o acréscimo de –es ou de –ste/ –sse, que não chegaram a ser mencionados nas entrevistas analisadas, totalizando um total de 0%. A hipótese anteriormente levantada é a de que as formas salientes eram mais marcadas do que as menos salientes, e isso não foi comprovado nesta região, conforme visto nesta tabela.

TABELA 11 – RESULTADOS COMPARADOS: SALIÊNCIA FÔNICA

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Acréscimo de –s	28%	62%
Acréscimo de –es	14%	0%
Acréscimo de –ste/ –sse	76%	0%
TOTAL	31%	100%

Como vemos na tabela acima, comparando os dados encontrados nesta pesquisa com os dados de Loregian (1996), percebe-se que na região analisada por ela, mais pessoas marcaram o verbo acrescentando –ste/-sse, que na região de Tubarão (SC), analisada neste trabalho, visto que a percentagem para este caso na pesquisa de Loregian totalizou 76% das ocorrências e em Tubarão não chegou a ser citado. Isso mostra que os tubaronenses quase não usam esse acréscimo ao verbo que deveria ser marcado, o que é muito significativo para esta pesquisa, pois os falantes de Tubarão acrescentam mais –s, que os outros casos.

4.1.2.7 Tonicidade do verbo

Este fator, tonicidade do verbo, vai influenciar a marcação verbal de concordância verbal com o pronome tu, mostrando que se um verbo tem mais tonicidade na última sílaba apresenta maior concordância com a marca de 2^a pessoa do singular. Observe-se dois casos:

a) Oxítono: “Velha, **TA(I)S**⁸ boa?”

b) Paroxítono: “É como **TU DIZES** mesmo, vêm esses cursos...”

TABELA 12 – TONICIDADE DO VERBO EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Oxítono	0/22	0%
Paroxítono	3/64	4%
TOTAL	3/86	3%

Este grupo de fator se mostrou significativo para a marcação de segunda pessoa, visto que o percentual atingiu 3% dos casos. Os verbos oxítonos vieram sem marcação de concordância, o que contrariou nossa hipótese anterior. Mas, apesar de ocorrerem mais, os verbos paroxítonos ocorreram sem marcação de concordância em sua maioria, pois somente em 4% dos casos a marcação de concordância verbal apareceu.

TABELA 13 – RESULTADOS COMPARADOS: TONICIDADE DO VERBO

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Oxítono	36%	0%
Paroxítono	28%	4%
TOTAL	31%	3%

Outra tabela muito importante para este trabalho, já que a maioria dos verbos oxítonos foi marcada na pesquisa de Loregian, totalizando 36%. Já nos dados analisados em

⁸ Este verbo, gramaticalmente correto, seria *estás*, por isso considerado como oxítono.

Tubarão, percebe-se que esta região usa a marcação verbal de 2ª pessoa do singular somente com verbos paroxítonos, o que totalizou 4% dos casos. Nos outros casos encontrados nesta análise, os tubaronenses ou repetem a fala de outra pessoa, ou nem sequer usam essa marcação verbal.

4.1.2.8 Número de sílabas do verbo

O número de sílabas é outro fator importante, já que se acredita que o verbo com maior número de sílabas tende a ser mais marcado, pois são mais perceptíveis que os outros. Sendo assim serão analisados os verbos:

a) Monossílabos:

“Pai, lá, **TU VÊ**, todo pessoal, meus amigos...”

b) Dissílabos:

“**TU SABE** onde é o beco do Simão?”

c) Trissílabos:

“Eles te vendiam na caderneta, aí **TU PODIA**, tu sendo bom, **TU PAGAVA** um mês, **FICAVA** devendo outro.”

d) Polissílabos:

“Eu votei nele, **ENTENDESSE?**”

TABELA 14 – NÚMERO DE SÍLABAS DO VERBO EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Monossílabo	5/33	15%
Dissílabo	0/59	0%
Trissílabo	3/31	9%
Polissílabo	0/4	0%
TOTAL	8/127	6%

O que aconteceu foi que os verbos em que a marcação de concordância verbal com o pronome de 2^a pessoa ocorreu mais com verbos monossilábicos, totalizando um percentual de 15%. Os verbos dissílabos e polissílabos não apareceram marcados com a concordância verbal em nenhum dos casos analisados. Os verbos trissílabos também foram significativos, pois em 31 casos encontrados nas entrevistas, 3 deles, ou seja 9%, vinham com a concordância verbal de 2^a pessoa do singular. Este grupo de fator se mostrou significativo para a marcação de segunda pessoa, visto que a hipótese não foi comprovada. Os verbos polissílabos não apareceram marcados em nenhum dos casos encontrados.

TABELA 15 – RESULTADOS COMPARADOS: NÚMERO DE SÍLABAS DO VERBO

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Monossílabo	33%	15%
Dissílabo	30%	0%
Trissílabo	27%	9%
Polissílabo	40%	0%
TOTAL	31%	6%

Este fator comparado é muito importante, já que na pesquisa de Loregian o maior número de ocorrências foi com verbos polissílabos, com 40% dos casos, o que nem chegou a aparecer nas entrevistas analisadas em Tubarão (SC). Nesta região, o item que mais se destacou foi o uso da marcação verbal de 2^a pessoa do singular com verbos monossílabos, que totalizou 15 das ocorrências.

4.1.2.9 Contexto fonológico seguinte

Esta variável tem a intenção de verificar se o contexto anterior ou posterior do verbo pode influenciar a marcação de concordância verbal com o pronome de 2ª pessoa do singular. Temos três sub-fatores para análise:

a) Pausa:

“... o que eles comem eu como, é **TU VÊ**.”

b) Consoante:

“... pra comer, tu, aí, **TU FICA** por lá.”

c) Vogal:

“**TU NÃO SABE** ali onde é?”

TABELA 16 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

FATORES	APLICAÇÃO / TOTAL	%
Pausa	1/29	3%
Consoante	6/49	12%
Vogal	1/50	2%
TOTAL	8/128	6%

A tabela 16 mostra que quando o falante tem, após um verbo, uma consoante, este tende a marcar mais a concordância. A hipótese levantada para esta questão contraria o que a tabela mostra. A marcação de concordância em contexto em que a pausa vem após o verbo, com 3%, ocorreu menos que em contexto de consoante. No caso do contexto vogal após o

verbo, esta tabela muito significou para a pesquisa, já que em somente um caso, dentre 50 casos, a marcação ocorreu, totalizando, assim, só 2% dos casos.

Observamos que os verbos que possuem consoante no contexto fonológico seguinte são mais marcados na concordância verbal que os outros casos. Aqueles que possuíam a consoante no contexto fonológico seguinte totalizaram 12%, contrariando a hipótese levantada no início do trabalho.

TABELA 17 – RESULTADOS COMPARADOS: CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE

FATORES	Loregian (1996)	Nossos dados
Pausa	37%	3%
Consoante	30%	12%
Vogal	28%	2%
TOTAL	31%	6%

Esta tabela mostrou que há diferenças no uso da marcação verbal nas regiões confrontadas, visto que em Tubarão, o maior número de casos ocorreu com verbos que possuíam na seqüência uma consoante, com 12%. Já na pesquisa de Loregian, o maior número de ocorrências foi com verbos seguidos de pausa, com 37% dos casos. Um item significativo aqui é que em ambas pesquisas, o menor índice de ocorrências foi com verbos seguidos de vogal, com somente 2% em Tubarão e 28% nas regiões analisadas por Loregian.

4.2 VARIÁVEIS SOCIAIS DOS TEXTOS ORAIS

Com relação às variáveis extralingüísticas, analisamos nesta pesquisa o fator sexo e o fator escolaridade:

A) SEXO

O fator sexo tem se mostrado seguindo uma tendência básica. As mulheres tendem a usar a forma padrão com mais frequência que os homens. Labov (1983) destaca que a mulher parece ser mais sensível no que diz respeito ao uso da língua, já que elas empregam menos as variantes estigmatizadas que os homens. As mulheres têm uma linguagem mais conservadora, já que a educação recebida por elas foi bastante tradicional, inclusive no que se refere ao uso de certas formas. A tabela abaixo nos mostra como está este aspecto:

TABELA 18 – SEXO EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

Fatores	Apl. / total	%
Feminino	8/112	7%
Masculino	0/16	0%
Total	25/206	12%

Os resultados desta pesquisa se mostraram bastantes significativos, já que a hipótese levantada no início do trabalho foi comprovada. Em nenhum dos casos pronunciados pelos homens houve concordância verbal, mas em 7% dos casos pronunciados pelas mulheres houve. Isso mostra que as mulheres são mais conservadoras que os homens.

B) ESCOLARIDADE

Este fator é um dos mais analisados e relevantes para pesquisas em Sociolinguística, já que se constitui uma tendência os informantes com mais escolaridade usarem formas consideradas mais prestigiadas, ou seja, mais marcadas em relação à concordância verbal. A partir disso, vejamos o que mostra a tabela:

TABELA 19 – ESCOLARIDADE EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

Fatores	Apl. / total	%
Primário	6/78	7%
Ginásio	0/17	0%
Colegial	2/43	4%
Total	8/138	5%

Os resultados desta tabela são muito importantes, pois percebemos o contrário do que foi previsto: pessoas que têm nível de escolaridade primário usam mais formas consideradas prestigiadas (7%), ou seja, marcam a concordância verbal com o pronome de 2ª pessoa do singular – *tu*. As pessoas com nível de escolaridade ginásial não utilizaram nenhuma forma marcada (0%), e as pessoas com nível colegial usaram as formas marcadas pela concordância verbal pouquíssimas vezes, somente 4%.

4.3 VARIÁVEIS CRUZADAS DOS TEXTOS ORAIS

A) ESCOLARIDADE E SEXO

TABELA 20 – ESCOLARIDADE E SEXO EM DADOS DE FALA DE TUBARÃO (SC)

	FEMININO	MASCULINO
Escolaridade	%	%
Primário	16%	15%
Ginásio	0%	0%
Colegial	5%	0%

Esta tabela mostrou que a escolaridade que prevaleceu foi o primário, sendo que 16% deles eram mulheres e 15% deles eram homens. A diferença é muito pouca para esta análise. Já o nível de escolaridade colegial foi bastante significativo, já que somente as mulheres, com 5%, é que utilizaram formas marcadas. O que prova, no entanto, que o nível de escolaridade, relacionado ao fator sexo, pode influenciar o uso de formas mais prestigiadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo inicial era analisar o uso da concordância verbal com o pronome de segunda pessoa *tu*, na região de Tubarão. Tomando-se como base a análise feita por Loregian (1996), que trabalhou com as variantes do português falado, constatou-se que nem todas as hipóteses da referida pesquisadora foram confirmadas para a variante de Tubarão. Com esta pesquisa, ficou constatado o uso da concordância verbal com o pronome *tu* que os falantes usam nos verbos que o acompanha está em variação.

Com relação aos fatores lingüísticos, observamos alguns aspectos que:

- 1) A forma pronominal de 2^a pessoa do singular mais recorrente da região de Tubarão (SC) é o pronome *tu*, porém sem marcas em sua flexão verbal. Essa hipótese foi comprovada, mesmo com o aparecimento de outros casos.
- 2) O *paralelismo formal* tentou mostrar a tendência de que verbos marcados levam a verbos marcados e verbos sem marcas levam a verbos sem marcas. O que foi comprovado neste trabalho é que há uma tendência, entre os falantes

tubaronenses, de alternar o uso dos pronomes, sendo que o *tu* ainda é mais recorrente, bem como o uso das flexões verbais que os acompanham. Mas, na maioria dos casos analisados, os verbos têm uma seqüência sem marcas de concordância, o que mostra a comprovação da hipótese proposta aqui.

- 3) Com relação à *interação emissor/receptor* podemos concluir que a função fática mostrou-se mais marcada que os outros casos, o que não confirma a hipótese levantada na pesquisa de Loregian (1996), de que o falante, quando se dirige ao entrevistador, marca mais a concordância. Nossa expectativa era que quando o entrevistado falasse a um entrevistador conhecido por ele sua concordância seria menos marcada. O que se comprovou aqui é que em nenhum caso em que o falante dirige-se ao entrevistador, seja ele conhecido ou não, houve a marcação verbal de 2^a pessoa do singular.
- 4) No item *explicitação do pronome*, a hipótese levantada por Loregian foi comprovada. A tendência é que os falantes marquem mais a concordância nos verbos em que o sujeito não está explícito, pois nestes casos a informação é menos previsível e o falante, para deixar mais claro a quem se refere, marca o verbo. A hipótese de Givón (1990) de que há o Subprincípio da Quantidade foi comprovada aqui. Givón diz que uma informação mais incerta, imprevisível, viria mais marcada que as outras. Ou seja, este princípio reflete a tendência do sistema lingüístico de refletir a sua funcionalidade e, neste caso, relaciona a necessidade de maior quantidade de material de codificação (formal) para aquelas informações menos previsíveis. Há uma codificação do

referente através de elementos pronominais: quando o pronome está explícito a informação é nova; quando não está marcado, a informação é velha. Nesta pesquisa, essa hipótese também se confirmou, já que a maioria dos casos encontrados nas entrevistas veio marcado sem o pronome estar explícito.

- 5) Assim como na pesquisa de Loregian (1996), o *tempo verbal* foi significativo para este trabalho, pois mostrava que alguns tempos verbais podem vir mais marcados que outros. Na região de Tubarão, isso foi diferente: mesmo aparecendo alguns tipos de tempos verbais nas entrevistas, o que se percebeu foi que não houve marcas de 2^a pessoa do singular em todos os fatores, somente no tempo presente do indicativo. Nossa expectativa era a influência da flexão verbal na marcação do verbo, mas na região de Tubarão (SC) só a marcação da concordância com o tempo presente do indicativo foi mais evidente.
- 6) A *saliência fônica*, bem como o tempo verbal, não seguiu o mesmo padrão de Loregian (1996): verbos que receberam apenas –s foram mais marcados que os outros casos. Isso mostra que na região de Tubarão esse fator, de marcar mais o verbo quando este recebe partículas maiores (-es/-ste/-sse), não é significativo. Ou seja, os falantes desta região não se preocupam com este fator, usam o pronome *tu*, mas sem marcá-lo com o verbo.
- 7) No que se refere à *tonicidade do verbo*, a hipótese é de que os verbos oxítonos, por terem acento tônico na sílaba que receberá a flexão verbal de segunda pessoa singular deveriam ser mais marcados. A hipótese não foi

comprovada. Os verbos oxítonos não foram marcados com a concordância verbal de 2ª pessoa do singular em nenhuma das ocorrências. Já os verbos paroxítonos receberam mais marcações.

- 8) Quanto ao *número de sílabas* dos verbos a hipótese é que os verbos mais extensos foneticamente deveriam ser mais marcados que os verbos menos extensos. Isso não se comprovou neste trabalho: os verbos monossílabos foram os mais marcados.
- 9) No que se refere ao *contexto fonológico seguinte* a hipótese é de que o falante iria marcar mais o verbo se este viesse seguido de pausa. O que aconteceu, porém, é que os falantes tubaronenses marcaram mais verbos que eram seguidos de consoantes e não pausa. A hipótese de Loregian, neste caso, não foi confirmada.

Analisando as variáveis extralingüísticas, conclui-se que:

- 1) A variável *sexo* mostrou que as mulheres marcaram a concordância mais que os falantes masculinos, comprovando, assim, a hipótese de Loregian. Os homens usaram menos as formas de segunda pessoa que as mulheres, mas não marcaram nenhuma delas, o que mostra que a hipótese levantada anteriormente neste trabalho foi confirmada.
- 2) A *escolaridade* é um fator de bastante destaque, pois o que foi comprovado neste estudo é que as pessoas com nível de escolaridade primária usam mais as formas marcadas com a concordância, ou seja, aquelas consideradas de

prestígio pela sociedade. A hipótese aqui era de que os falantes com mais escolaridade marcariam mais, mas não foi o que ocorreu nesta pesquisa. No entanto, cabe dizer que o entrecruzamento dos fatores sexo e escolaridade não apresentou diferença significativa já que daqueles que usaram a marcação verbal 16% eram mulheres e 15% eram homens, todos com o curso primário.

Após todas essas considerações, percebe-se que ainda há muito a ser estudado. Sabe-se que este estudo é apenas uma forma de contribuir para o mapeamento do uso de pronomes e a concordância com os mesmos. Porém, os estudos sociolinguísticos devem estar presentes no dia-a-dia, nas salas de aula, não só em trabalhos como este. Os estudantes da língua precisam ter claro que ela deve ser estudada e discutida sob diversos olhares, não só aquele mostrado em gramáticas normativas. Nossa intenção era mostrar que o português do Brasil tem variações, e que algumas destas foram discutidas aqui. Neste trabalho, somente alguns aspectos foram abordados. Mas espera-se que nossa contribuição auxilie em outros estudos sobre este tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolingüística. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Português ou brasileiro?**: um convite à pesquisa. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001a.

_____. **Preconceito lingüístico**. São Paulo: Loyola, 2001b.

BATISTA, Antônio A. G. **Aula de português**: discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática**: opressão? liberdade? São Paulo: Ática, 1986.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 8ª ed. rev. atual. São Paulo: Nacional, 1984.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários**. São Paulo: UFBA, 1997.

_____. **A língua falada no ensino do português**. São Paulo: Contexto, 2000.

CEGALLA, Domingos P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1993.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. São Paulo: Afiliada, 1998.

_____. (org.) **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.

FARACO & MOURA. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2000.

FERNANDES, Marisa. **Concordância nominal na região sul**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1996.

GIVÓN, T. **Studies in language**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1990.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras/Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Lingüística. Florianópolis, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus**: uma visão crítica. Campinas, 1997.

MATOS E SILVA, Virgínia R. **Contradições no ensino de português**. Salvador: Contexto, 1995.

MENON, Odete Pereira da Silva. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Artigo – Curso de Letras. Curitiba: UFPR, 1995.

_____. **Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil**: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. Artigo – Letras de Hoje. Porto Alegre, 2000.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1999.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro: Didáticos UFRJ, 1992.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (org.) **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, Maria Helena M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Variável lingüística**: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. In Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Minas Gerais: Delta, 1987.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: **Introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1992.

PEREIRA, Vera Lúcia P. **A abordagem laboviana**. Porto Alegre: UFRJ, 1992.

SACCONI, Luiz Antônio. **Gramática essencial ilustrada**. 18 ed. São Paulo: Atual, 1999.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira, SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.

SILVA, Fábio Lopes da, MOURA, Heronides M. de Melo (orgs.). **O direito à fala**: a questão do preconceito lingüístico. Florianópolis: Insular, 2000.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1996.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Tempos lingüísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1994.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

TERRA, Ernani, NICOLA, José de. **Curso prático de língua, literatura & redação**. São Paulo: Scipione, 1994.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.

ANEXO

CORPUS TOTAL DAS ENTREVISTAS

- (1) Não me falta nada, TU SABE que simplicidade não falta nada, TU ENTENDE, né? Eu não tenho, como eu te falei já, os três filhos, né? O que eu recebi de meus pais, eu passo para eles que é tudo. Acho que o que é importante é o respeito, porque aí TU RESPEITA, aí TU É respeitada sempre, né? (01TUB5L24FAGIN)
- (2) Convive com a sociedade e tanto o pessoal de, como é que se diz de classe alta, como média e como baixa, a gente se dá com tudo, nós somos muito conhecidos aqui. Qualquer pergunta que perguntar a Roseli, filha do seu Lindomar, pronto. Desde o começo do centro TU JÁ SABE, TU VINDO do centro, TU JÁ SABE, se informando lá no centro mesmo no calçadão, por ali tá, que a gente é muito amigo dos lojistas. (01TUB8L21FAGIN)
- (3) Porque de repente essa, TU VAI ler pra alguém, ENTENDE? Meu pai o que que sempre falou. (01TUB9L2FAGIN)
- (4) Não sei por que eu penso, puxo mais nele, sempre foi assim. Eu não sei se eu sou mais ligada nele, de repente eu tenho todos os... A minha mãe diz assim: “E TU É igual ao teu pai.”. Então eu acho que eu sou igual ao meu pai. Eu acho que é por isso. Já puxo pelo meu pai. (01TUB10L16FAGIN)
- (5) Não sei se TU CONHECEU a Marinês. TU NÃO CONHECEU, é lá da casa, do tempo da casa da louça que tinha aqui no centro. A gente fez a primeira comunhão junto, né. (01TUB13L32FAGIN)
- (6) Porque adolescência é dos quatorze aos dezoito, né? TU PODE ir a uma discoteca, essas coisas, né? Nós não íamos, nós éramos assim, muito família. (01TUB14L6FAGIN)
- (7) Hoje eu estou fora da religião do meu pai. Estou fora, né. Eu crio muito em Deus, creio em Deus, creio mesmo. Eu faço tudo, enfim a Deus, porque eu acho que TU, no levantar, TU SABE que existe um ser que está cuidando de ti, né? Tudo que TU FA(Y)S é em função dele. Porque até o respirar, quem somos nós sem Deus? (01TUB14L19FAGIN)
- (8) Digo: “Mãe, mas eu acho que os meus vão. Eu quero uma menina. Então porque se TU PEGA uma menina fraca de cabeça, se o cara não é bem. Até pode dar certo, mas vai virar bagunça, né? (01TUB15L35FAGIN)
- (9) Eu, no momento, não sei. Acho que a dona Marlene, que dava aula de português pra mim, tinha o Nilton também, que até por sinal ele é professor da Unisul, né. Não sei se TU CONHECE. E o que chamava a atenção era a dona Marlene. A dona Marlene era muito boa, ela era vizinha e era professora. (01TUB21L26FAGIN)

- (10) É as duas coisas melhores, principalmente que é, é útil mesmo é o telefone e o carro, que tem crescido bastante, TU VÊ, saiu bastante telefones agora, né? (01TUB23L22FAGIN)
- (11) Aí tem vez que eu ia pra casa, a mãe dizia: Não, TU NÃO VEM em casa que não tem nada pra comer, TU, aí TU FICA por lá. Aí se TU TRA(Y)S, se TU ARRUMAR alguma coisinha TU VEM. Aí ela, aí ela, e assim não tu, tudo bem. Mas vou ver se o consigo. Aí o, se o pai? Ah, o pai, o teu pai não chegou ainda, ele foi receber, nas não sei ainda. Aí já era de manhã cedo. Já é quase meio dia. Não chegou ainda. Aí TU, TU NÃO TEM nada. Se TU QUISER comer, aí tu, tu come senão... (03TUB2L21MAPRI)
- (12) Aí eu vim uma semana, uma semana ela se, não... Aí TU VEM outra semana, pra ver se vai dar certo. (03TUB3L9MAPRI)
- (13) Eu acho que, não, não vai dar certo não. Então tá. Se não der certo, então eu vou embora, e TU, o dia que TU CASAR, TU ME CONVIDA. Eu disse pra ela: “Pode ser que tem alguém na igreja que quer namorar contigo, eu tô atrapalhando a tua vida. (03TUB3L16MAPRI)
- (14) Eu não tenho nada, não tenho nada, tu quer ir lá em casa pra olhar. Nós somos bem pobre. Nós não temos nada, TU QUISER namorar comigo, namora, isso não, não quero nada de ti. (03TUB4L7MAPRI)
- (15) Aí, o meu patrão, um dia que eu fui levar comida pra ele, ele assim: “Eu acho que TU NÃO ALMOÇOOU, né? Tu tá meio... tá bem branco. Eu ia, eu ia pegar a bicicleta e descia direto até na oficina, lá perto da corretora. Aí ele sim... Tá. Eu acho que TU NÃO TÁ com fome, mas TU FA(Y)S o seguinte, que eu tô, eu levava o almoço pra ele, ele assim: “Então TU FA(Y)S, diz pra mulher fazer a marmita.” (03TUB4L16MAPRI)
- (16) O serviço é pesado, TU VAI começar de ajudante, né? E é muito pesado demais, sem se lamentaar sem nada. Acho que é melhor TU NÃO, que eu trabalhei quatro anos na roça. Fiquei trabalhando quatro anos na roça e assim que eu ganhava na roça lá de, assim, não quero dinheiro. (03TUB4L27MAPRI)
- (17) Então TU PAGA um, PAGA um assim, um come, um na casa, pra apartamento pra ti, alguma coisinha assim, uns quatro amigos, aí TU VAI embora, porque não adianta, aí começava a cada vez que eu chegava em casa era a briga ... (03TUB4L36MAPRI)
- (18) Aí nasceu. Era quase perto do meio-dia, assim, quase uma hora. Aí eu levei pra lá e o médico assim: “Aí TU FICA esperando aqui e eu vou levar ela lá pra cima, pra ver se ela tem alguma coisa. (03TUB7L22MAPRI)

- (19) Ah, eu ó. Eu li agora na Veja, não a última, que a última eu nem vi ainda, mas eu tive uma reportagem curtinha, de uma página só, uma mulher tinha um amante. Não sei se TU CHEGOU a ler, e eles tiveram uma noite de amor meio intensa e ela apareceu em casa com uns hematomas e alguma coisa.... (05TUB1L40FACOL)
- (20) Ah, sei lá. Eu acho que um crime muito violento, uma coisa horrível, TU JÁ IMAGINOU? Oh, eu tive uma, uma situação é... Uma vez tinha um cara me espiando aqui em casa. Só que aí, é uma coisa horrível, horrível, horrível saber, assim oh, que TU TÁ SENDO ESPIADA. (05TUB2L28FACOL)
- (21) É, porque TU é, sei lá, TU CAPTA aquela coisa assim, né? TU TÁ SOZINHA. Sempre a gente tem, não vou dizer, eu não tenho medo, graças a Deus, mas TU SEMPRE TEM um receio, tá? Então, às vezes, assim oh, TU OUVE um barulho, pode ser um rato, TU APRENDE a coisa, aí eu escutei, assim ó, eu vi que não era animal, aí eu peguei, chamei, liguei para meu irmão, ali da frente, e o Déio: TU OLHA aí, DÁ uma olhada aqui ao redor de casa, eu acho que tem gente rondando a casa. Aí ele olhou e disse: “TU NÃO DESLIGA o telefone.” Aí ele olhou e eu, não imagino. (05TUB2L42FACOL)
- (22) A sensação é horrível, horrível. TU TE SENTE já assim só olhada, espiada... TU IMAGINA bem ser violentada? (05TUB3L7FACOL)
- (23) Não, aquilo ali acaba com a vida da pessoa. TU JÁ IMAGINOU? (05TUB3L10FACOL)
- (24) Não, acho que não. Não me lembro porque daí também está querendo, né. Com onze anos, TU QUERÍA O QUÊ? Que aí me lembrasse? Eu acho que não. Agora que é bonito é, eu acho tão lindo. (05TUB6L34FACOL)
- (25) Também coitado. Chegou cansado da viagem. Vou brigar porque ele deixou a toalha aqui no banheiro, não estendeu? Não. TU PEGA a toalha e vai lá. E se está ali todo dia, todo ;dia, todo dia, ele deixa aquela toalha ali. (05TUB8L25FACOL)
- (26) Porque que não pega essa porcaria e leva lá e estende, né. Então esse tipo de coisa assim a gente já evita. Ah, eu sei lá... A gente se dá muito bem. Meu marido é uma pessoa assim... TU NÃO CONHECE ele, né? (05TUB8L28FACOL)
- (27) Não sei. Diz que lá é bem parecido com Santa Catarina. Que horror! Aí TU SAI de Santa Catarina para ir a um lugar parecido. (05TUB8L46FACOL)
- (28) Não, não. Eu sou feliz com o que eu tenho, ENTENDEU? Eu sou feliz com essa casa onde eu moro. (05TUB9L21FACOL)

- (29) E ela disse que falou com ela. Comentou com essa menina que estava indo. Aí ela disse: “Ah, Camboriú.” TU VÊ oh! E eles que têm mais condições... (05TUB9L49FACOL)
- (30) Mas eu procuro sempre, sempre, sempre, jogar as coisas pra cima tá, nunca pra baixo. Não tem esse negócio de não vai dar certo tá. TU TENS que tentar antes de mais nada, tá? (05TUB10L3FACOL)
- (31) É, TU TE(Y)NS que tentar. Não tem esse negócio de não, eu não vou porque eu não sei fazer... (05TUB10L8FACOL)
- (32) A gente corta ao meio, corta em quatro, né, de novo e faz em quatro partes e TU CORTA ele assim oh, de cima para baixo como TU CORTOU ele em quatro, CORTA ele de cima até embaixo uma fatia bem fininha assim oh, de repolho, tá. E depois aquilo ali TU CORTA de quadradinho e ele fica tudo de quadradinho. É então depois TU MISTURA e PODE colocar, temperar com maionese, né? (05TUB11L4FACOL)
- (33) E a outra receita TU PODE colocar assim, tudo o que TU GOSTA. Coisa crua ou cozida também, legume cozido, né, tem. Eu gosto muito de colocar aquele rabanetezinho tá. Ele assim bem crocantezinho né, aquela alface americana também é bem crocante. Pode alface, tudo o que TU QUIZER tá em termos de salada. (05TUB11L13FACOL)
- (34) FAZ um molho que, com que TU USA assim, né? Eu uso tomate, alho, cebola, cheirinho verde. Faz um molho bem cozidinho, mistura aquele frango desfiado com o molho tá, FAZ um molhinho branco, se QUIZER fazer o molho branco com creme de leite, senão TU FA(Y)S simples, só e BOTA uma camada de macarrão, uma camada daquela galinha desfiada, pode até fazer com, às vezes, com sobra de galinha, né. (05TUB11L40FACOL)
- (35) É, TU VÊ. Ah, eles me chamam de avó, meus netos. Eu fico toda boba, imagina... (05TUB13L3FACOL)
- (36) Porque eu acho que é um desafio TU PASSAR um ensinamento para uma pessoa tá, tem ali na empresa, às vezes, vem o pessoal de alguma filial fazer o treinamento ali, né, e sou eu que faço o treinamento e aí TU EXPLICA de uma maneira, para uma outra de outra, tem algumas pessoas que são mais lentas, depende como lidar com elas, acho isso muito interessante no ser humano. Aí TU EXPLICA de um jeito, TU EXPLICA de outro, a pessoa não entende. (05TUB14L1FACOL)
- (37) É. Aí já não iria dar certo. JÁ IMAGINOU eu assim, com uma turminha de criança dando aula? Decididamente não. (05TUB14L12FACOL)
- (38) Nós temos médicos, nós temos cestas básicas, nós temos refeitório, uma comida muito boa, e eu almoço lá quase todos os dias e eu almoço junto com

eles, não tem discriminação nenhuma, o que eles comem eu com, é TU VÊ.
(06TUB11L1MACOL)

- (39) O que que é? – eu disse. “O que que VOCÊ NOTOU a nível de transformação da cidade no, na última década?” E eu: “A única coisa que eu notei de diferente na cidade foi o nível de ensino, porque não mudou nada. Você não tem uma indústria nova, você não tem um lazer diferente dos que tinha a 10 anos atrás. Pelo contrário, acho que até caiu bastante e, e, e, e as opções são as mesmas. É, é, é as opções são as mesmas, não existe uma variação, até porque quando VOCÊ CRIA alguma coisa, o próprio povo restringe. (06TUB17L6MACOL)
- (40) Não, não, não, não, não, de maneira alguma, eu gosto muito de meu país, gosto muito do fato, e estou na iniciativa privada de 1980 sei o quanto é difícil VOCÊ TER que mostrar capacidade para ocupar o seu lugar, por isso é que eu critico muito a estabilidade de emprego. Acho que é muito fácil VOCÊ RECLAMAR, criticar o governo, e... e... “n” reivindicações, normalmente atendida, né? (06TUB23L27MACOL)
- (41) O patrão vai avaliar, se ele for um patrão justo ele vai avaliar, se merecer mais ele vai dar um aumento, caso ele seja justo, se não for ele só diz se não está contente tem uma fila enorme aí fora querendo ocupar o teu lugar, então VOCÊ VAI embora, mas o governo é diferente, eles querem reajuste salarial, querem série de vantagens, querem trabalhar pouco, muito pouco, e o país pra sair desse buraco que está, porque a gente sempre acha que está no fundo do poço, mas quando chega a gente vai ver que ainda se salva, ainda, é ninguém quer largar. (06TUB24L12MACOL)
- (42) Ele é ridículo né. mas será que o noss... Será que o país tem como suportar um salário maior? Aí VOCÊ PENSA... eu acho que não, pois, será que se acabasse um pouquinho com essa roubalheira da previdência não sobrava um dinheirinho? (06TUB24L21MACOL)
- (43) Hoje acontece o seguinte, como a empresa não tinha um plano de cargo de salário, VOCÊ TINHA funcionários que produzia pouco e ganhava muito, e esse plano decargo eu que trouxe pra empresa, eu sugeri o plano de cargo de salário, de forma que... nós temos nove níveis hoje de cargo ou nove níveis de salário, operador 1, 2, 3, 4, encarregado 1,2,3 e por aí afora. (06TUB30L20MACOL)
- (44) Nós tínhamos situações muito difíceis lá dentro, de VOCÊ TER um bacio entupido, vai lá ver dentro, tem um maço de prego, quer dizer, um negócio ridículo, dando prejuízo, não a empresa, a ele, porque se isso gerou um custo, e se a empresa atrasou um dia de trabalho é porque gastou dinheiro em alguma coisa do salário. (06TUB31L12MACOL)

- (45) Ah... de igreja, de tudo. Até um parque que TU IA era bom, né?
(04TUB4L22FAPRI)
- (46) TU VÊ um moço assim, com a cabeça, né?, feita. (04TUB5L2FAPRI)
- (47) Sempre eles... eles andavam arrumadinho, que num bailezinho que TU IA, TU VIA eles tudo de terninho, né? (04TUB5L7FAPRI)
- (48) Né? É... É, TU PODE notar e... então, antigamente era bom, sim.
(04TUB5L11FAPRI)
- (49) Isso... mais puro, muito mais bonito. Baile que TU IA assim, era tão bom, né? TU DANÇAVA, tudo aquilo assim, com o maior respeito, né?
(04TUB5L17FAPRI)
- (50) Mas era bom. Era divertido, porque TU NÃO VIA um bolinho o ano inteiro, TU NÃO VIA refrigerante, era só naquele dia, ...
(04TUB5L31FAPRI)
- (51) TU É(I)S de lá? (04TUB11L14FAPRI)
- (52) ... ou não compra fiado, né?, dinheiro ou TU TENS que dar um cheque... (04TUB13L24FAPRI)
- (53) Eles te vendiam na caderneta, aí TU PODIA, tu sendo bom, TU PAGAVA um mês, FICAVA devendo outro ou PAGAVA só um pouco daquele, já BOTAVA o resto em cima daquele que TU FEZ e assim ia, né?
(04TUB13L27FAPRI)
- (54) “Velha, TA(I)S boa?” Estou, (risos)... (04TUB16L6FAPRI)
- (55) Estava dando aula, TU VÊ. (04TUB16L26FAPRI)
- (56) Aí quando TU TAVA na 3ª série, TU JÁ TAVA uma mocinha, aí o que eles faziam:... (04TUB18L19FAPRI)
- (57) Então, era pouco, porque se TU IA um..., TU IA hoje, no Sábado que vem TU JÁ NÃO IA porque não deixavam, né? (04TUB19L29FAPRI)
- (58) Mas todo... todo dia que TU FOR lá é lindo... (celular toca)... todo dia.
(04TUB20L13FAPRI)
- (59) É, é qualquer dia que TU TÁ lá é lindo. (04TUB20L16FAPRI)
- (60) ... é linda, TU VAI que tem vontade assim de ir toda a semana, né?
(04TUB21L4FAPRI)
- (61) É que bom é, que bom porque VÊ até agora... (04TUB21L18FAPRI)

- (62) Hoje em dia TU VAI na cidade,... (04TUB22L31FAPRI)
- (63) Só se TU DEIXAR no estacionamento do Angeloni,... (04TUB23L2FAPRI)
- (64) Ele não falava, né? Se TU CHEGASSE e FALASSE com ele, ele falava, agora se ele fosse te dizer: (04TUB24L22FAPRI)
- (65) gente mas TU... TU SABIA que não PODIA fazer nada errado... nada, nada, nada... (04TUB25L30FAPRI)
- (66) Eu criei uma, TU VÊ, ela namorou dois ano e a gente não chegou... (04TUB26L7FAPRI)
- (67) ...eu disse: fazer o que? Se TU ACHA que não dá. Não, mãe, não dá, é assim,... (04TUB26L19FAPRI)
- (68) Não quero nem saber, se vira, TU NÃO QUIS, vai viver, né? TU NÃO PODIA te separar... né? Se SEPARAVA... lá um ou outro, né? Quando TU VÊ que a tua filha é boa, teu filho é bom, não deu certo, né? (04TUB26L22FAPRI)
- (69) Mas não deu certo, então TU TENS que apoia(r), né? (04TUB26L27FAPRI)
- (70) Que se TU JOGA(R), né? (04TUB26L29FAPRI)
- (71) Mais não deu, (vo)cê é que sabe, se (vo)cê acha que não dá, né? (04TUB27L11FAPRI)
- (72) Aí então eu podia dizer pra ela, não, TU QUISESSE, TU VAI VIVER com ele assim mesmo, ... (04TUB28L1FAPRI)
- (73) O caminho daqui pra Imbituba é mais bonito do que se TU PEGA(R) ele aqui pra Urussanga? (04TUB29L15FAPRI)
- (74) Aquilo vai ficando escuro assim TU JÁ SAI na frente. (04TUB29L30FAPRI)
- (75) Mais TU SABE que quando eu casei, em 69, eu fui morar numa casa que era com lamparina,... (04TUB33L1FAPRI)
- (76) Tem... tem então hoje em dia... oh! TU VÊ, eu não... certas novelas também... (04TUB35L14FAPRI)
- (77) TU BRINCO(U)? (04TUB37L2FAPRI)

- (78) Uh! Tinha vez que dava tempo de TU JOGA(R) pra cima e PEGA(R) os monte... (04TUB37L12FAPRI)
- (79) Hoje em dia TU NÃO VÊ as menina brincando de corda. (04TUB37L21FAPRI)
- (80) ... ele diz: “Conta historinha, vó...” Do que que TU QUE(R)? “Ah! Eu quero... Eu quero história do lobo mal”, aí TENS que ir inventando, né? (04TUB38L2FAPRI)